

Sin-léqi-unnínni

Epopéia de

GIL
GÁ
ME
SH

Ele que
o abismo viu

autêntica CILIAISISIIICIA

TRADUÇÃO DO ACÁDIO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIOS
Jacyntho Lins Brandão

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *ša naqba imuru*

AUTOR
Sin-léqi-unninni
(c. século XIII-XII a.C.)

COORDENADOR DA COLEÇÃO CLÁSSICA,
EDIÇÃO E PREPARAÇÃO
Oséias Silas Ferraz

ORGANIZAÇÃO, TRADUÇÃO,
INTRODUÇÃO E NOTAS
Jacyntho Lins Brandão

EDITORA RESPONSÁVEL
Rejane Dias

EDITORA ASSISTENTE
Cecília Martins

LEITURA CRÍTICA DA TRADUÇÃO
Guilherme Gontijo Flores

REVISÃO
Lúcia Assumpção
Mariana Faria

CAPA
Alberto Bittencourt

DIAGRAMAÇÃO
Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sin-léqi-unninni

Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh / tradução do Acádio, introdução e comentários Jacyntho Lins Brandão. – 1. ed -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017. – (Coleção Clássica / coordenador Oséias Ferraz)

Título original: *ša naqba imuru*

ISBN 978-85-513-0283-5

1. Gilgámesh 2. Literatura mesopotâmica 3. Literatura clássica - poesia
I. Brandão, Jacyntho Lins. II. Série.

17-06773

CDD-892.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Gilgámesh : Literatura semítica 892.1

 GRUPO AUTÊNTICA

Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro
Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

São Paulo
Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Hor sal
23º andar . Conj. 2310-2312 .
Cerqueira César . 01311-940 São
Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br

Apresentação da coleção

A Coleção Clássica tem como objetivo publicar textos de literatura – em prosa e verso – e ensaios que, pela qualidade da escrita, aliada à importância do conteúdo, tornaram-se referência para determinado tema ou época. Assim, o conhecimento desses textos é considerado essencial para a compreensão de um momento da história e, ao mesmo tempo, a leitura é garantia de prazer. O leitor fica em dúvida se lê (ou relê) o livro porque precisa ou se precisa porque ele é prazeroso. Ou seja, o texto tornou-se “clássico”.

Vários textos “clássicos” são conhecidos como uma referência, mas o acesso a eles nem sempre é fácil, pois muitos estão com suas edições esgotadas ou são inéditos no Brasil. Alguns desses textos compõem esta coleção da Autêntica Editora: livros gregos e latinos, mas também textos escritos em português, castelhano, francês, alemão, inglês e outros idiomas.

As novas traduções da Coleção Clássica – assim como introduções, notas e comentários – são encomendadas a especialistas no autor ou no tema do livro. Algumas traduções antigas, de qualidade notável, serão reeditadas, com aparato crítico atual. No caso de traduções em verso, a maior parte dos textos será publicada em versão bilingue, o original espelhado com a tradução.

Não se trata de edições “acadêmicas”, embora vários de nossos colaboradores sejam professores universitários. Os livros são destinados aos leitores atentos – aqueles que sabem que a fruição de um texto demanda prazeroso esforço –, que desejam ou precisam de um texto clássico em edição acessível, bem cuidada, confiável.

Nosso propósito é publicar livros dedicados ao “desocupado leitor”. Não aquele que nada faz (esse nada realiza), mas ao que, em meio a mil projetos de vida, sente a necessidade de buscar o ócio produtivo ou a produção ociosa que é a leitura, o diálogo infinito.

Oséias Ferraz
[coordenador da coleção]

TABUINHA 1

1. Ele que o abismo viu, o fundamento da terra,
 2. Seus caminhos conheceu, ele sábio em tudo,
 3. Gilgâmesh que o abismo viu, o fundamento da terra,
 4. Seus caminhos conheceu, ele sábio em tudo,
 5. Explorou de todo os tronos,
 6. De todo o saber, tudo aprendeu,
 7. O que é secreto ele viu, e o coberto descobriu,
 8. Trouxe isto e ensinou, o que antes do dilúvio era.
 9. De distante rota voltou, cansado e apaziguado,
 10. Numa estela se pôs então o seu labor por inteiro.
 11. Fez a muralha de Úruk, o redil,
 12. E o sagrado Eanna, tesouro purificado.
 13. Vê sua base: é como um fio de lã,
 14. Repara seus parapeitos, que ninguém igualará.
 15. Toca a escadaria, que há ali desde o início,
 16. Aproxima-te do Eanna, residência de Ishtar,
 17. O qual nem rei futuro nem homem algum igualará.
 18. Faze a volta, ao alto da muralha de Úruk vai,
 19. Seu fundamento examina, os tijolos observa -
 20. Se seus tijolos não são cozidos,
 21. Se seu alicerce não cimentaram os sete sábios.
 22. Um *shar* é cidade, um *shar* é pomar, um *shar* são poços de argila,
 23. meio *shar* é a casa de Ishtar:
 24. Três *sháru* e meio, a extensão de Úruk.
 25. Busca o cofre de cedro,
 26. Rompe o ferrolho de bronze,
 27. Abre a tampa do tesouro,
 28. Levanta a tabuinha lápis-lazúli, lê
 29. O que Gilgâmesh passou, todos os seus trabalhos.

Proêmio

- Ele que o abismo viu, o fundamento da terra, 1
 Seus caminhos conheceu, ele sábio em tudo, 2
 Gilgâmesh que o abismo viu, o fundamento da terra, 3
 Seus caminhos conheceu, ele sábio em tudo, 4
 Explorou de todo os tronos, 5
 De todo o saber, tudo aprendeu, 6
 O que é secreto ele viu, e o coberto descobriu, 7
 Trouxe isto e ensinou, o que antes do dilúvio era. 8
 De distante rota voltou, cansado e apaziguado, 9
 Numa estela se pôs então o seu labor por inteiro. 10
 Fez a muralha de Úruk, o redil, 11
 E o sagrado Eanna, tesouro purificado. 12
 Vê sua base: é como um fio de lã, 13
 Repara seus parapeitos, que ninguém igualará. 14
 Toca a escadaria, que há ali desde o início, 15
 Aproxima-te do Eanna, residência de Ishtar, 16
 O qual nem rei futuro nem homem algum igualará. 17
 Faze a volta, ao alto da muralha de Úruk vai, 18
 Seu fundamento examina, os tijolos observa - 19
 Se seus tijolos não são cozidos, 20
 Se seu alicerce não cimentaram os sete sábios. 21
 Um *shar* é cidade, um *shar* é pomar, um *shar* são poços de argila, 22
 meio *shar* é a casa de Ishtar: 23
 Três *sháru* e meio, a extensão de Úruk. 24
 Busca o cofre de cedro, 25
 Rompe o ferrolho de bronze, 26
 Abre a tampa do tesouro, 27
 Levanta a tabuinha lápis-lazúli, lê 28
 O que Gilgâmesh passou, todos os seus trabalhos. 29

Proeminente entre os reis

Proeminente entre os reis, herói de imponente físico, Valente rebento de Úruk, touro selvagem indomável:	29
Vai à frente, é o primeiro, Atrás vai e protege os irmãos.	31
Margem firme, abrigo da tropa, Corrente furiosa que destroça baluartes de pedra.	33
Amado touro de Lugalbanda, Gilgámesh perfeito em força, Cria da sublime vaca, a vaca selvagem Nínsun.	35
Alto é Gilgámesh, perfeito, terrível: Abriu passagens nas montanhas, Cavou cisternas nas encostas do monte,	37
Atravessou o mar, o vasto oceano, até onde nasce Shámash,	39
Palmilhou os quatro cantos, em busca da vida, Chegou, por sua força, ao remoto Uta-napíshti,	41
Repôs os templos arrasados pelo dilúvio, Instituiu ritos para toda a humanidade.	43
Quem há que a ele se iguale em realeza E como Gilgámesh diga: este sou eu, o rei?	45
A Gilgámesh, quando nasceu, renome lhe deram: Dois terços ele é um deus, um terço é humano.	47
A efígie de seu corpo, Bélet-ili a desenhou, Realizou sua forma Nudímmud: ---- majestoso ---- ---- altura, de onze côvados é sua altura,	49
De quatro côvados é a largura de seu peito, De três côvados é seu pé, metade de uma vara é sua perna, De seis côvados é o comprimento de seu passo, ---- côvados são os pelos de seu rosto,	53
Barbudas são suas faces como as de ----, Os tufos do cabelo, exuberantes como Níssaba, Pelo talhe é perfeito em seu encanto, Pelos padrões da terra, formoso é.	55
	57
	59
	61

Pastor de Úruk

Pelo redil de Úruk ele perambula, Mandando como um touro selvagem altaneiro.	63
Não tem rival se levanta seu taco, Pela bola os companheiros levantam.	65
Assedia os jovens de Úruk sem razão, Não deixa Gilgámesh filho livre a seu pai. Dia e noite age com arrogância: Gilgámesh rei ---- uma multidão guia.	67
	69
Ele, o pastor de Úruk, o redil, Não deixa Gilgámesh filha livre a sua mãe. ---- logo ---- Suas queixas ---- diante dele:	71
	73
Poderoso, magnífico, sábio, Não deixa Gilgámesh moça livre a seu noivo.	75
À filha do guerreiro, à esposa do jovem, Ouviram-lhes as queixas as deusas. Os deuses dos céus, senhores do comando, ---- [disseram a Ánu] ----:	77
	79
Criaste agressivo touro selvagem em Úruk, o redil: Não tem rival se levanta seu taco, Pela bola os companheiros levantam, Assedia os jovens de Úruk sem razão,	81
	83
Não deixa Gilgámesh filho livre a seu pai, Dia e noite age com arrogância. Pastor de Úruk, o redil, Gilgámesh rei --- uma multidão guia.	85
	87
Ele é o seu pastor e ---- Poderoso, magnífico, sábio, Não deixa Gilgámesh filha livre a sua mãe.	89
	91
A criação de Enkidu	
À filha do guerreiro, à esposa do jovem, Ouviram-lhes as queixas Ánu.	92

A Arúru, grande rainha:	94
Tu, Arúru, fizeste a raça humana!	
Agora faz o que se disse:	96
Que um coração tempestuoso se lhe oponha, Rivalizem entre si e Úruk fique em paz!	
Arúru, isso quando ouviu,	99
O dito de Ánu concebeu no coração.	
Arúru lavou as mãos,	101
Pegou barro e jogou na estepe:	
Na estepe a Enkídu ela criou, o guerreiro,	103
Filho do silêncio, rocha de Ninurta, Pelos sem corte por todo o corpo,	105
Cabelos arrumados como de mulher:	
Os tufos do cabelo, exuberantes como Nissaba,	107
Não conhece ele gente nem pátria, Pelado em pelo como Shákkan,	109
Com as gazelas ele come grama,	
Com o rebanho na cacimba se aperta,	111
Com os animais a água lhe alegre o coração.	
Enkídu e o caçador	
Um caçador, homem de armadilhas,	113
No açude com ele deu de cara.	
Um dia, um segundo, um terceiro, no açude deu com ele,	115
Viu-o o caçador, enregelou-lhe a face.	
Ele e seus bichos à casa voltaram.	117
Aterrorizado, em silêncio, atento, ---- seu coração, sua face como um dia sombrio.	119
Havia tristeza em suas entranhas. À de quem chega de longe sua face se iguala.	
O caçador a boca abriu para falar e disse ao pai:	122
Pai, há um homem que vai ao açude,	

Nesta terra é ele que rija força tem,	124
Como uma rocha de Ánu é sua rija força.	
Vagueia sobre os montes todo o dia,	126
Não para de com o gado comer grama, Não para de deixar a pegada no açude,	128
Estou com medo e não chego junto dele.	
Encheu os buracos que cavei eu mesmo,	130
Desatou as redes que estendi. Tirou-me das mãos os bichos, os animais da estepe, Não me deixa já o trabalho na estepe.	132
O pai abriu a boca para falar, disse ao caçador:	134
Meu filho, ---- Úruk, Gilgámesh, ---- com ele,	136
Como uma rocha de Ánu é sua rija força.	
Pega a rota, para o coração de Úruk volta a face,	138
---- da força de um homem, Vai, filho, contigo a meretriz Shámhat leva, ---- como um forte.	140
Quando os bichos se aproximem do açude,	142
Tire ela a roupa e abra seu sexo. Ele a verá e chegará junto dela,	144
Estranhá-lo-á seu rebanho, ao que cresceu com ele.	
Ao conselho do pai ----	146
O caçador partiu ---- Pegou a rota, para o coração de Úruk voltou a face.	148
O caçador e Gilgámesh	
Ao rei Gilgámesh ----:	149
Há um homem que vai ao açude, Nesta terra é ele que rija força tem:	151
Como uma rocha de Ánu é sua rija força,	
Vagueia sobre os montes todo o dia,	153
Não para de com o gado comer grama, Não para de deixar a pegada no açude.	155

Estou com medo e não chego junto dele,	
Eucheu os buracos que cavei eu mesmo,	157
Desatou os laços que estendi,	
Tirou-me das mãos os bichos, os animais da estepe,	159
Não me deixa já o trabalho na estepe.	
Gilgâmesh a ele diz, ao caçador:	161
Vai, caçador, contigo leva a meretriz Shámhat.	
Quando os bichos se aproximem do açude,	163
Tire ela a roupa e abra seu sexo.	
Ele a verá e chegará junto dela,	165
Estranhá-lo-á seu rebanho, ao que cresceu com ele.	

Shámhat e Enkídu

Partiu o caçador, consigo levou a meretriz Shámhat,	167
Pegaram a rota, empreenderam a jornada,	
No terceiro dia, ao lugar aprazado chegaram.	169
O caçador e a meretriz de tocaia sentaram-se.	
Um dia, um segundo dia no açude sentados ficaram;	171
Chegou o rebanho, bebeu no açude,	
Chegam os animais, a água lhes alegre o coração –	173
E também ele: Enkídu! Seu berço são os montes!	
Com as gazelas ele come grama,	175
Com o rebanho aperta-se na cacimba,	
Com os animais a água lhe alegre o coração.	177
E viu-o Shámhat, ao homem primevo,	178
Mancebo feroz do meio da estepe.	
Este é ele, Shámhat! Oferece os seios!	180
Teu púbis abre e teu sexo ele toque!	
Não tenhas medo, toca seu alento!	182
Ele te verá e chegará junto de ti:	
A roupa estende, deixa-o deitar-se sobre ti,	184
E faz com esse primitivo o que faz uma mulher:	
Seu desejo se excitará por ti,	186

Estranhá-lo-á seu rebanho, ao que cresceu com ele.	
Abandonou Shámhat os vestidos,	188
Abriu seu púbis e ele tocou seu sexo,	
Não teve ela medo, tomou seu alento,	190
A roupa estendeu, deixou-o deitar-se sobre si,	
Fez com esse primitivo o que faz uma mulher	192
E o desejo dele se excitou por ela.	
Seis dias e sete noites Enkídu esteve ereto e inseminou Shámhat.	194
Depois de farto de seus encantos,	195
Sua face voltou para seu rebanho.	
Viram-no, a Enkídu, e se puseram a correr,	197
Os bichos da estepe fugiram de sua figura:	
Contaminara Enkídu a pureza de seu corpo.	
Inertes tinha os joelhos, enquanto os bichos avançavam.	200
Diminuído estava Enkídu, não como antes corria.	
Mas agora tinha ele entendimento, amplidão de saber.	202
Voltou a sentar-se aos pés da meretriz.	
A sabedoria de Shámhat	
A meretriz – olhou ele seu rosto	204
E o que a meretriz fala escutam seus ouvidos –	
A meretriz a ele diz, a Enkídu:	206
És bom, Enkídu, como um deus és tu!	
Por que vagas com os animais pela estepe?	208
Vem! Levar-te-ei ao coração de Úruk, o redil,	
À casa dos deuses, morada de Ánu e Ishtar,	210
Onde também está Gilgâmesh, perfeito em força,	
E como touro selvagem tem ele poder sobre os homens.	
Ela falava e ele assentia com suas palavras –	213
Seu coração sagaz buscava um amigo.	
Enkídu a ela diz, à meretriz:	215
Vem, Shámhat, convida-me	216
À casa dos deuses, morada pura de Ánu e Ishtar,	

Onde também está Gilgámesh, perfeito em força, E como touro selvagem tem ele poder sobre os homens.	218
Eu próprio o desafiarei, ---- Gritarei no coração de Úruk: Sou o mais valente! ---- o destino mudarei: O na estepe nascido é valente, forte!	220 222
Que o povo veja tua face, ---- ele está, possa eu saber! Vai, Enkídu, a Úruk, o redil, Onde os jovens cingem uma faixa,	224 226
Todo dia ---- acontece um festival Onde retumbam tambores E as meretrizes têm elegante forma, Enfeitadas de encantos, cheias de alegria: Dos leitos, de noite, saem os idosos!	228 230
Enkídu – aquele que não conheceu a vida! Mostrar-te-ei Gilgámesh, um homem contente, Olha para ele, vê sua face, Pleno de virilidade, dono de poderio,	233 235
Encorpado de encantos todo o seu corpo, Mais rija força que tu ele tem, Insone de dia e de noite.	237 239
Enkídu, abandona teus vícios, A Gilgámesh Shámash ama, Ánu, Énlil e Ea fizeram plena sua sabedoria:	240 242
Antes que viesses das montanhas, Gilgámesh, no coração de Úruk, via-te em sonhos.	243
Os sonhos de Gilgámesh	
Levanta-se Gilgámesh, do sonho busca o sentido, diz a sua mãe: Mãe, um sonho vi esta noite: Apareceram-me estrelas no céu, Como rochas de Ánu caíam sobre mim:	245 247

Prendi uma, era pesada para mim, Tentava movê-la, não podia levantá-la; A terra de Úruk estava em volta dela, Toda a terra amontoada em cima dela,	249 251
Apertava-se o povo em face dela, Os jovens acumulavam-se em volta dela, Como a uma criancinha pequena beijavam-lhe os pés: A ela amei como esposa, por ela me excitei,	253 255
Peguei-a e deixei-a a teus pés E tu a uniste comigo.	257
A mãe de Gilgámesh, inteligente, sábia, tudo sabia e disse a seu filho – A vaca selvagem Nínsun, inteligente, sábia, tudo sabia e disse a Gilgámesh: Apareceram-te estrelas no céu, Como rochas de Ánu caíam sobre ti:	259 261
Prendeste uma, era pesada para ti, Tentavas movê-la, não podias levantá-la; Pegaste-a e a deixaste a meus pés E eu a uni contigo:	263 265
A ela amaste como uma esposa, por ela te excitaste: Vem para ti um forte companheiro, amigo salvador, Nesta terra é ele que rija força tem, Como uma rocha de Ánu é sua rija força.	267 269
A ele amarás como uma esposa, por ele te excitarás, Ele, forte, sempre a ti salvará. É bom, é precioso o teu sonho!	271 273
Um segundo sonho ele viu. Levantou-se e apresentou-se diante da deusa sua mãe, Gilgámesh a ela diz, a sua mãe:	273* 275
De novo, mãe, vi um segundo sonho: Numa rua da praça de Úruk Um machado estava jogado, diante dele uma reunião, A terra de Úruk estava em volta dele,	276 278

Toda a terra amontoada em cima dele, 280
 Apertava-se o povo em face dele,
 Os jovens acumulavam-se em volta dele, 282
 Peguei-o e deixei-o a teus pés:

A ele amei como uma esposa, por ele me excitei, 284
 E tu o uniste comigo.

A mãe de Gilgâmesh, inteligente, sábia, tudo sabia e disse a seu filho, 286
 A vaca selvagem Ninsun, inteligente, sábia, tudo sabia e disse a Gilgâmesh:

Filho, o machado que viste é um homem, 288
 A ele amarás como uma esposa, por ele te excitarás,
 E eu o unirei contigo. 290

Vem para ti um forte companheiro, amigo salvador, 291
 Nesta terra é ele que rija força tem,
 Como uma rocha de Ánu é sua rija força. 293

Gilgâmesh a ela diz, a sua mãe: 294
 Mãe, pela boca do conselheiro Énlil tal me aconteça!
 Um amigo, um conselheiro eu ganharei, 296
 Ganharei eu um amigo, um conselheiro!

Foi assim que viu seus sonhos. 298
 Depois que Shámhat os sonhos de Gilgâmesh contou a Enkídu,
 Fizeram amor os dois. 300

[2, 1] Enkídu estava assentado diante dela.

[Colofão 1] Tabuinha 1, *Ele que o abismo viu, o fundamento da terra.*
 Palácio de Assurbanípal, rei do mundo, rei da Assíria, que confia em Assur e Nínlil.
 O que confia não se envergonhe, rei dos deuses, Assur!

[Colofão 2] Tabuinha 1, *Ele que o abismo viu, série de Gilgâmesh.*
 Como o original escrita e conferida.

Tabuinha 2

--- 7 7- 7 7 7

Enkídu entre os pastores

Enkídu estava assentado diante dela ---- 1
 4 E

---- 26
 ---- que ----

---- 28
 Por que vagas com os animais pela estepe?
 Ele próprio prudente ---- 30
 Por seu entendimento ----

Seu sagaz coração ---- 32
 De Shámhat ----
 A primeira vestimenta ela própria ---- 34
 E a segunda vestimenta, ela nele vestiu.

Pegou-o e como a um dos deuses conduziu 36
 À cabana dos pastores, o cercado dos animais.
 O bando de pastores juntou-se em volta dele 38
 Por seu entendimento e por si mesmos:

O jovem a Gilgâmesh se parece em estatura, 40
 Estatura elevada como ameia orgulhosa,
 Quiçá nasceu nos montes: 42
 Como uma rocha de Ánu é sua poderosa força!

Pão puseram diante dele, 44
 Cerveja puseram diante dele.
 Não comeu pão Enkídu, fixou os olhos tão logo o viu: 46
 Comer pão não aprendera,
 Beber cerveja não sabia.

A meretriz a ele diz, a Enkídu: 49
 ---- do povo,
 ---- da terra, 51

	A H	
Seu sagaz coração ----	59	
Matou lobos e leões afugentou.		
Dormiam os chefes dos zagais,	61	
Enkídu era seu zagal, homem desperto.		
As bodas em Úruk		
Um jovem [foi chamado] para uma boda ----	63	
No coração de Úruk, o redil, para ----		
		A H H I
Estava numa rua de Úruk, o redil,	100	
---- agitou a força ----		
Bloqueou a passagem de Gilgámesh:	102	
A terra de Úruk estava em volta dele,	103	
Toda a terra amontoada em cima dele,		
Apertava-se o povo em face dele,	105	
Os jovens acumulavam-se em volta dele,		
Como a uma criancinha pequena beijavam-lhe os pés.		
Então um jovem ----	108	
Para Ishara uma cama de ----		
Para Gilgámesh, como um deus, um substituto designaram.	110	
Enkídu a porta da câmara nupcial obstruiu com os pés,	111	
A Gilgámesh a entrada não permitiu -		
E se pegaram à porta da câmara nupcial,	113	
Na rua brigaram, a principal daquela terra,		
O batente abalaram, o muro balançaram.		
		A H
A amizade dos heróis		
Nesta terra é ele que rija força tem,	162	
Como uma rocha de Ánu é sua poderosa força,		
Estatura elevada como ameia orgulhosa.	164	
A mãe de Gilgámesh a boca abriu para falar,	165	
Diz a seu filho -		
A vaca selvagem Nínsun a boca abriu para falar, diz a seu filho:	167	

Meu filho ----	168
Com amargor ----	
----	170

Pegaste ----	172
---- na porta dele ----	
Com amargor geme ----	174
Não tem Enkídu ----	
Soltos os cabelos ----	176
Na estepe nasceu e ninguém ----	
Estava ali Enkídu, ouviu-a falar,	178
Meditou e sentado chorou,	
Os olhos encheu de lágrimas,	180
Os braços afrouxou, a força ----	
Abraçaram-se um ao outro ----	182
---- suas mãos como ----	
A expedição contra Humbaba	
Gilgámesh ----	184
A Enkídu uma palavra disse ----	
Por que, amigo meu, encheste teus olhos de lágrimas?	186
Teus braços afrouxaste, força ----	
Enkídu a ele diz, a Gilgámesh:	188
Amigo meu, meu coração pena ----	
Pelas lágrimas me enfraquecem ----	190
Cresce o medo em meu coração.	

Gilgámesh a boca abriu para falar, disse a Enkídu:	193
Quem sabe, amigo meu, para ----	
---- dele perfuraram ----	195
E para nós golpes ----	

---- a ele os dias ----	197
---- a teu lado ---- .	

Agora, amigo meu ---- 199
---- na terra ----
---- Humbaba ----

△ □ ≡ I

---- 212
Pudera ----
Possam quebrar ---- 214
Os redemoinhos ----

O poder de Humbaba

Enkidu abriu a boca para falar, disse a Gilgâmesh: 216
Como iríamos, amigo meu, à Floresta de Cedros?

A fim de deixar intactos os cedros, 218^a
Para terror do povo o fez Énlil. 219^a
Nessa estrada não há quem caminhe, 218^b
Este homem não há quem olhe! 219^b

O guardião da Floresta de Cedros ---- muito grande, 220
Humbaba, sua voz é o dilúvio!
Sua fala é fogo, seu alento é morte! 222
Ele ouve a sessenta léguas um murmúrio da floresta.

Quem é que irá à sua floresta? 224
Ádad é o primeiro, mas ele o segundo:
Quem é que se oporá a ele dentre os Igigi? 226
A fim de deixar intactos os cedros,

Para terror do povo o fez Énlil: 228
Se vai alguém à sua floresta, fraqueza a ele assalta.

Gilgâmesh a boca abriu para falar, disse a Enkidu: 230
Vem ----

Por que, amigo meu, como um fraco falaste? 232
Com essa boca sem freio zangaste meu coração!

Do homem os dias são contados, 234
Tudo que ele faça é vento.

---- não existe ---- 236
Nascestes e cresceste na estepe:

Temem-te os leões, tudo experimentaste 238
E os jovens ficam fracos diante de ti.

Teu sagaz coração a batalha provou. 240
Vem, amigo meu, para a fornalha ----

Para a fornalha ---- 242

△ □ ≡ I

Os preparativos da expedição

Estavam assentados e trocavam impressões para ---- 247

Um machado moldemos ---- 248
Machadinhas de sete talentos ----

Suas espadas eram de sete talentos. 250

Seus cinturões eram de um talento, 252

Cinturões de ---- 254

△ □ ≡ I

A assembleia de Úruk

Ouvi-me, jovens de Úruk, o redil, 260

Jovens de Úruk, sagaz ----:
Sou ousado a ponto de percorrer o longo caminho até Humbaba. 262

Uma refrega que não conheço enfrentarei, 263

Em jornada que não conheço embarcarei:

Dai-me vossa benção e que ir eu possa, 265

Que vossa face eu reveja e salvo esteja,
E adentre a porta de Úruk, alegre o coração!

Possa retornar e o *akltu* duas vezes ao ano celebrar, 268

Possa o *akltu* duas vezes ao ano celebrar!

O *akltu* tenha lugar e o festival se faça, 270

Os tambores sejam percutidos diante da vaca selvagem Ninsun!

Enkidu aos anciãos conselhos deu, 272

Uma refrega que não conheço enfrentarei, Em jornada que não conheço embarcarei.	26
Dá-me tua bênção e que ir eu possa! Que tua face eu reveja e salvo esteja,	28
E adentre a porta de Úruk, alegre o coração! Possa retornar e o <i>akltu</i> duas vezes ao ano celebrar, Possa o <i>akltu</i> duas vezes ao ano celebrar! O <i>akltu</i> tenha lugar e o festival se faça, Os tambores sejam percutidos diante de ti!	30 32
A vaca selvagem Nínsun as palavras de Gilgámesh, filho seu, E de Enkídu em aflição ouviu. À casa do banho lustral sete vezes foi, Purificou-se com água de tamarisco e ervas,	35 37
---- uma bela veste, adorno de seu corpo, ---- adorno de seus seios, --- posta e com sua tiara coroada, ---- as prostitutas o chão empoeirado.	39 41
Galgou as escadas, subiu ao terraço, Subindo ao terraço, em face de Shámash incenso pôs, Pôs a oferenda em face de Shámash, seus braços alçou:	43 45
Por que pôr em meu filho Gilgámesh o coração sem sossego que lhe deste? Agora o tocaste e ele percorrerá O longo caminho até Humbaba: Uma refrega que não conhece enfrentará, Em fogo que não conhece embarcará.	46 48
Até o dia em que ele vá e volte, Até que atinja a Floresta de Cedros, Até que o feroz Humbaba ele mate, E essa coisa ruim que detestas desapareça da terra,	51 53
De dia, quando tu os limites ---- Ela, Aia, não te tema, Aia, a esposa, te lembre: Este aos guardas da noite confia, Ao lusco-fusco ----	55 57

---- ---- para ---- ---- brilhar	59 61
Abriste, Shámash, ---- para a saída do rebanho, Para ---- saíste sobre a terra, Das montanhas ---- brilharam os céus, Os bichos da estepe ---- tua luz vermelha,	63 65
Esperou ---- a eles Animais ---- tu ---- Morto ---- vida	67 69
Para ---- tua cabeça Para ---- a multidão se reúne, Os Anunnákki em tua luz prestam atenção. Ela, Aia, não te tema, Aia, a esposa, te lembre:	71 73
Este aos guardas da noite confia, A estrada que ---- Toque e ---- Porque ----	75 77
Jornada ---- E ---- Até que Gilgámesh vá à Floresta de Cedros, Sejam longos os dias, sejam curtas as noites.	79 81
Esteja cingida sua cintura, sejam largos seus passos, Para a noite, que ele acampe ao entardecer, Ao entardecer ---- ele durma.	83 85
Ela, Aia, não te tema, Aia, a esposa, te lembre: No dia em que Gilgámesh, Enkídu e Humbaba meçam forças, Incita, Shámash, contra Humbaba os grandes ventos, Vento sul, norte, do levante, do poente – ventania, vendaval,	86 88
Temporal, tempestade, tufão, redemoinho, Vento frio, tormenta, furacão:	90

Os treze ventos se alcem, de Humbaba escureçam a face, E a arma de Gilgámesh a Humbaba alancel	92
Depois de teus próprios ---- acesos, Nesta hora, Shámash, a teu devoto volta a face! Tuas mulas ligeiras ---- tuas, Um assento tranquilo, um leito, se te forneça, Um assento ----	94 96 97
Os deuses, teus irmãos, manjares ---- te tragam, Aia, a esposa, com a limpa bainha de seu manto tua face enxugue!	98
A vaca selvagem Nínsun repetiu diante de Shámash seu comando: Shámash, Gilgámesh aos deuses não ----? Contigo os céus não compartilhará? Com Sin não compartilhará o cetro?	100 102
Com Ea, que habita o Apsu, não será sábio? Com Írnina o povo de cabeças negras não dominará? Com Ningíshzida o lugar sem retorno não habitará?	104 106
Fa-lo-ei, Shámash ---- Para não ---- para não ---- a Floresta de Cedros, ---- para não alcançar, ---- tua grande divindade.	107 109
---- ---- ---- como o próprio povo, ---- tu como ---- para ---- Humbaba fazeres entrar.	111 113
O comando a Enkídu	
Depois que a vaca selvagem Nínsun a Shámash reforçou o encargo, A vaca selvagem Nínsun, inteligente, sábia, tudo sabia, ---- Gilgámesh ---- Ela apagou a oferenda de incenso ----	116 118
A Enkídu chamou e proferiu-lhe o comando: Forte Enkídu, não saíste de minha vagina!	120

Agora tua raça estará com os oblatos de Gilgámesh, As sacerdotisas, as consagradas e as hierodulas.	122
Uma marca ela impôs no pescoço de Enkídu: A sacerdotisa adotou o exposto E as filhas dos deuses criaram o noviço.	124 126
Eu própria, a Enkídu, que amo, adotei como filho, A Enkídu, como irmão, Gilgámesh favoreça! ---- E ----	127 129
Quando vás com Gilgámesh à Floresta de Cedros, Sejam longos os dias, sejam curtas as noites. Esteja cingida tua cintura, sejam largos teus passos, Para a noite, que acampes ao entardecer, ---- protejas.	131 133
Δ □ ≡ I	
Gilgámesh para ---- ---- seu ---- À Porta de Cedro ---- Enkídu no templo de ----	147 149
E Gilgámesh no templo de ---- Zimbros, oferenda espargida ---- Presentes os membros de ---- ----	151 153
Δ □ ≡ I	
Pela palavra de Shámash atingirás tua meta, Na Porta de Marduk ---- No seio das águas ---- Costas ----	166 168
Na Porta de Cedro ---- Gilgámesh ---- E Enkídu ---- Que às vinte léguas partais o pão,	170 172
Δ □ ≡ I	

Amigo meu, propício é teu sonho, bom ----
 O sonho é soberbo! ---- 29
 Amigo meu, a montanha que viste ----

Capturaremos Humbaba, matá-lo-emos 31
 E seu cadáver no chão metê-lo-emos,
 E de manhã uma mensagem de Shámash propícia veremos. 33

Segunda jornada

Às vinte léguas partiram o pão, 34
 Às trinta léguas estenderam a tenda,
 Cinquenta léguas andaram o dia inteiro: 36
 Jornada de mês e meio ao terceiro dia: chegaram perto do Monte Líbano.

Em face de Shámash cavaram uma cisterna, 38
 Água ---- puseram em ----
 Foi Gilgámesh ao topo da montanha, 40
 Farinha ofertou aos montes:

Montanha, ordena-me um sonho, mensagem boa eu veja! 42
 E fez-lhe Enkidu, para ele, uma casa de sonhos,
 Uma porta contra o vendaval fixou em sua entrada 44
 E fê-lo dormir num círculo ---- desenhado,

E ele mesmo, como uma rede, ---- e deitou em sua entrada. 46
 Gilgámesh nos joelhos apoiou o queixo,
 O sono que se derrama sobre as gentes nele caiu. 48

Na noite profunda, de sonhar terminou, 49
 Levantou-se e disse a seu amigo:
 Amigo meu, não me chamaste, por que estou desperto? 51
 Não me tocaste, por que estou angustiado?
 Não passou um deus, por que está atordoado meu corpo?

Amigo meu, vi outro sonho, 54
 E o sonho que vi, de todo atordoante:

▲ □ ≡ I

---- Humbaba, 70
 ---- de pequena sua altura,
 ---- largo, esguio, 72

---- Humbaba como um genro,
 ---- sobre ele, 74

 ---- 76

 E de manhã uma mensagem de Shámash propícia veremos.

Terceira jornada

Às vinte léguas partiram o pão, 79
 Às trinta léguas estenderam a tenda,
 Cinquenta léguas andaram o dia inteiro: 81
 Jornada de mês e meio ao terceiro dia: chegaram perto do Monte Líbano.

Em face de Shámash cavaram uma cisterna, 83
 Água ---- puseram em ----
 Foi Gilgámesh ao topo da montanha, 85
 Farinha ofertou aos montes:

Montanha, ordena-me um sonho, mensagem boa eu veja! 87
 E fez-lhe Enkidu, para ele, uma casa de sonhos,
 Uma porta contra o vendaval fixou em sua entrada 89
 E fê-lo dormir num círculo ---- desenhado,

E ele mesmo, como uma rede, ---- e deitou em sua entrada. 91
 Gilgámesh nos joelhos apoiou o queixo,
 O sono que se derrama sobre as gentes nele caiu, 93

Na noite profunda, de sonhar terminou, 94
 Levantou-se e disse a seu amigo:
 Amigo meu, não me chamaste, por que estou desperto? 96
 Não me tocaste, por que estou angustiado?
 Não passou um deus, por que está atordoado meu corpo?

Amigo meu, vi um terceiro sonho, 99
 E o sonho que vi, de todo atordoante:
 Bramaram os céus, a terra rugiu, 101
 O dia declinou, saiu a treva,

Raio raiou, fulgiu o fogo, 103

Chamas subiam, chovia morte.
Turvou-se o brilho, findou o fogo, 105
Foi-se apagando, acabou carvão.
Tu que nasceste na estepe, examinar isso podemos?

Ouviu Enkidu a fala do amigo, o sonho interpreta-lhe, diz a Gilgámesh: 108
Amigo meu, propício é teu sonho, bom ----

△ □ ≡ I

Quarta jornada

Às vinte léguas partiram o pão, 120
Às trinta léguas estenderam a tenda,
Cinquenta léguas andaram o dia inteiro: 122
Jornada de mês e meio ao terceiro dia:
Chegaram perto do Monte Líbano.

Em face de Shámash cavaram uma cisterna, 125
Água ---- puseram em ----
Foi Gilgámesh ao topo da montanha, 127
Farinha ofertou aos montes:

Montanha, ordena-me um sonho, mensagem boa eu veja! 129
E fez-lhe Enkidu, para ele, uma casa de sonhos:
Uma porta contra o vendaval fixou em sua entrada 131
E fê-lo dormir num círculo ---- desenhado,

E ele mesmo, como uma rede, ---- e deitou em sua entrada. 133
Gilgámesh nos joelhos apoiou o queixo,
O sono que se derrama sobre as gentes nele caiu. 135

Na noite profunda, de sonhar terminou, 136
Levantou-se e disse a seu amigo:

Amigo meu, não me chamaste, por que estou desperto? 138
Não me tocaste, por que estou angustiado?
Não passou um deus, por que está atordoado meu corpo?

Amigo meu, vi um sonho, 141
E o sonho que vi, de todo atordoante:

△ □ ≡ I

Amigo meu, propício é teu sonho, bom ---- 155

---- Humbaba como um deus ---- 157
---- acenderá ---- sobre ele,

---- seu poremos, ataremos seus braços 159

---- seu, ficaremos sobre ele: 161
E de manhã uma mensagem de Shámash propícia veremos.

Quinta jornada

Às vinte léguas partiram o pão, 163
Às trinta léguas estenderam a tenda,
Cinquenta léguas andaram o dia inteiro. 165

Em face de Shámash cavaram uma cisterna, 166
Água ---- puseram em ----
Foi Gilgámesh ao topo da montanha, 168
Farinha ofertou aos montes:

Montanha, ordena-me um sonho, mensagem boa eu veja! 170
E fez-lhe Enkidu, para ele, uma casa de sonhos:
Uma porta contra o vendaval fixou em sua entrada 172
E fê-lo dormir num círculo ---- desenhado,
E ele mesmo, como uma rede, ---- e deitou em sua entrada.

Gilgámesh nos joelhos apoiou o queixo, 175
O sono que se derrama sobre as gentes nele caiu.
Na noite profunda, de sonhar terminou, 177
Levantou-se e disse a seu amigo:

Amigo meu, não me chamaste, por que estou desperto? 179
Não me tocaste, por que estou angustiado?
Não passou um deus, por que está atordoado meu corpo? 181

Amigo meu, vi um quinto sonho, 182
E o sonho que vi, de todo atordoante.

△ □ ≡ I

A expectativa do embate

Geraram ----	210
Gilgámesh abriu a boca para falar, disse a Enkidu: Amigo meu, não ----	211
Filhos não geraram ----	213
Enkidu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh: Amigo meu, aquele por quem vamos é algo hostil, Humbaba por quem vamos é algo hostil.	214
Gilgámesh abriu a boca para falar, disse a Enkidu: Amigo meu, matemos ----	217
---- para ----	219

[1] Ali estavam, olhavam a Floresta

Tabuinha 5

U 110 211 U 111 212 U 112 213 U 113 214	
A Floresta de Cedros	
Ali estavam e olhavam a Floresta	1
De Cedros, observavam-lhe a altura,	
Da floresta observavam-lhe a entrada:	3
Onde Humbaba caminhava ficara-lhe a pegada, A seuda arrumada e acolhedor o caminho.	
Viram a montanha de cedros,	6
Morada de deuses, trono de deusas:	
Na face da montanha os cedros mostravam abundância,	8
Doce sua sombra, plena de leite, Enredada de espinhos, a acobertada floresta.	
---- cedro, <i>ballúkkur</i> : entrada não havia,	11
---- brotos por uma légua – a floresta,	
---- cipreste por dois terços de légua,	13
De até um sexto de peso a crosta fixa nos cedros.	
Resina ressuda como chuva que chove	15
E vai, levam-na canais.	
Por toda a floresta passarinho a pipilar,	17
---- a responder, uma voz a chilrear,	
Solitária cigarra clamor inicia,	19
---- canta ---- sibila,	
Pomho arrulha, rola responde,	21
---- tartaruga, rejubila a floresta,	
---- galinha, rejubila a floresta luxuriante,	23
Macaca canta, filhotes de macaco guincham,	
Como um grupo de músicos e tambores:	25
Dia a dia ressoam em face de Humbaba.	
Lança sua sombra o cedro,	27
O medo cai sobre Gilgámesh:	

Um torpor toma seus braços E debilidade cai-lhe sobre os joelhos.	29
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh: Entremos no interior da floresta, Teu intento comece, soemos o alarme!	31 33
Gilgámesh abriu a boca para falar, disse a Enkídu: Por que, amigo meu, como fracos trememos? ---- atravessamos todas as montanhas, ---- em face de nós, ---- vejamos a luz!	34 36
Amigo meu, experto na batalha, Que no combate não temeu a morte, Com sangue manchado não temes a morte E, irado, como legítimo extático maceras-te,	39 41
Como timbale ribombe teu grito, Parta o torpor de teus braços e a debilidade se te erga dos joelhos! Pega, amigo meu, juntos iremos, Fale a teu coração o combate!	43 45
A □ ≡ I	
A iminência do combate	
Logo em seguida as espadas ---- Em seguida a bainha ---- Os eixos manchados ---- Machados e espadas em ----	53 55
Um ---- Penetraram ----	57
A □ ≡ I	
Humbaba dirige-se a seu coração, uma palavra fala: Não vai ---- Não vai ---- Por que temem ---- ?	61 63
---- por que de meu ---- ? Em terror (?) para ----	65

E por que ---- ? E meu leito ----	67
Por que amigo meu ---- ? Com boa vontade ---- Se uma palavra para ---- Énlil o maldiga ----	69 71
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh: Amigo meu, Humbaba ---- Amigo meu, um é um, mas dois são dois! Embora fracos, dois ----	73 75
Embora uma rampa e --- dois ---- Dois trios ---- Corda tripla ---- Ao forte leão, os dois filhotes ----	77 79
Teu fundamento firme ---- Amigo meu, flecha, seta ---- Jornada fazes ---- Quando partimos ----	81 83
---- é carregado ---- ---- resto ---- Amigo meu, nos ventos de Shámash --- Sua cauda é tormenta, sua face é vento, Dize a Shámash incite-o ele ----	85 87
Levantou sua cabeça Gilgámesh, em face de Shámash chorava, Em face do fulgor de Shámash, vinham-lhe as lágrimas: Aquele dia, Shámash, que confiei em ti não esqueças! Agora fica em pé ---- Sobre Gilgámesh, broto do coração de Úruk, tua sombra põe!	90 92
Shámash ouviu o que disse sua boca, Logo de súbito, uma voz logo bramiu do céu: Apressa-te, detém-no! Não entre ele em sua floresta! Não desça ele ao bosque, não ----	95 97
Não vista ele suas sete capas ---- Uma ele vestia, seis já tirara,	99

Eles ----	101
Como touro selvagem agressivo avança ----	
Lançou um bramido cheio de terror,	103
O guardião do bosque bramia,	
----	105
Humbaba como Ádad rugia.	
	▲ □ ≡ I
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:	111

---- e rijos os braços.	113
Gilgámesh abriu a boca para falar, disse a Enkídu:	114
Por que, amigo meu, enfraquecidos falamos?	
Nós que atravessamos todas as montanhas	116
---- para defronte,	
Antes de retirar-nos ----	118
Amigo meu, experto no combate,	
Que a batalha ----	120
---- atacas e não temes,	
---- e como um profeta, muda ----	122
Como um timbale retumbe teu grito,	
Parta o torpor de teus braços e a debilidade se te erga dos joelhos!	124
Pega, amigo meu, juntos iremos,	
Incita teu coração à batalha!	126
A morte esquece, a vida busca,	
---- homem prudente.	128
Quem à frente vai seu corpo proteja, o amigo deixe intacto!	
P'ra dias distantes renome granjearam	130
---- distante ambos chegaram.	
Concluíram sua fala – ali estavam.	132
Ali estavam e olhavam a floresta.	
	▲ □ ≡ I

O combate

Humbaba abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:	142
Deixem os tolos, Gilgámesh, a algum idiota conselho tomar! Diante de mim?	

Vem, Enkídu, filho de peixe que não conheceu o pai!	144
Filhote de cágado e tartaruga, que não mamou o leite da mãe!	
Quando eras jovem te vi, mas perto não cheguei,	146
---- tu ---- no meu estômago.	
Por que à traição Gilgámesh trouxeste diante de mim	148
E tu mesmo como hostil inimigo te pões?	
Cortarei de Gilgámesh a goela e a nuca,	150
Jogarei seu corpo aos pássaros, vorazes águias e abutres!	
Gilgámesh abriu a boca para falar, disse a Enkídu:	152
Amigo meu, de Humbaba mudou a frente!	
Fortes subimos a seu covil para vencê-lo,	154
Mas corações temerosos destemidos logo não devêm.	
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:	156
Por que, amigo meu, como um fraco falaste?	
Com essa boca sem freio zangaste meu coração!	158
Agora, amigo meu, uma coisa só ----	
No molde do fundidor o bronze recolher,	160
O carvão por duas horas abtrasar, as brasas por duas horas ----	
Enviar o dilúvio, o chicote atacar:	162
Não tires teu pé, não voltes atrás!	
---- teu golpe forte.	
	▲ □ ≡ I
---- seja expulso!	174
Ouviu-os à distância,	175
Pisoteou o chão e ---- atacou.	
Aos calcanhares deles o chão se abria,	177
Ao darem a volta, partiram-se o Sirara e o Líbano.	
Negra se fez nuvem branca,	179
Morte, como névoa, sobre eles chovia.	
Shámash contra Humbaba incitou os grandes ventos:	181
Vento sul, norte, do levante, do poente – ventania,	
Vendaval, temporal, tempestade, tufão,	183
Redemoinho, vento frio, tormenta, furacão.	

Os treze ventos se alçaram, de Humbaba escureceu a face:			
Não se lança à frente, não vai para trás –	186		
E a arma de Gilgámesh alcançou Humbaba!			
A rendição de Humbaba			
Humbaba, por sua vida pedindo, diz a Gilgámesh:	188		
És jovem, Gilgámesh, tua mãe vem de parir-te!			
E rebento da vaca selvagem Ninsun és tu!	190		
Pela boca de Shámash e de meu monte ----			
Broto do coração de Úruk, rei Gilgámesh!	192		
---- Gilgámesh, de um morto não ----			
Um escravo vivo para seu senhor ----	194		
Gilgámesh, poupa-me a vida! ----			
E eu more para ti no ----	196		
Das árvores quantas mandes ----			
E eu guarde para ti a murta ----	198		
Árvore digna de um palácio ----			
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:	200		
Amigo meu, não ouças o que Humbaba te diz,			
---- suas súplicas ----	202		

		▲ □ « !	
Humbaba abriu a boca para falar, disse a Enkídu:	217		
Conhecidas te são as regras de minha floresta, as regras ----			
E sabes tudo que é para dizer.			
Se te arriara, se te pendurara em galho à entrada de minha floresta,	220		
Se te jogara o corpo aos pássaros, vorazes águias e abutres!			
Mas agora, Enkídu, contigo está minha liberação:	222		
Pois fala a Gilgámesh que me restitua a vida!			
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:	224		
Amigo meu, a Humbaba, guardião da Floresta de Cedros,			
Destrói-o, mata-o, sua ordem faz desaparecer!	226		
A Humbaba, guardião da Floresta de Cedros, destrói-o, mata-o, sua			
ordem faz desaparecer,			
Antes que o saiba o preeminente Énlil			228
E fúria contra nós concebam os grandes deuses,			
Énlil em Níppur, Shámash em Larsa,			230
Fixa para sempre ----			
Que foi Gilgámesh que matou Humbaba!			
E ouviu Humbaba o que Enkídu disse			233
E levantou a cabeça Humbaba ----			
		▲ □ « !	
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:			249
Amigo meu, o passarinho pega,			
Aonde irá o filhote?			251
Humbaba ----			
Aonde irá ----			253
Aonde irá ----			
Ouviu Humbaba o que Enkídu falou,			255
Levantou sua cabeça Humbaba, em face de Shámash chorava,			
Em face do fulgor de Shámash, vinham-lhe as lágrimas:			257
Entraste, Enkídu ----			258
Na colisão de armas, o príncipe ----			
E o morador de sua casa, o caminho ----			260
Assentas como um pastor diante dele			261
E como empregado a seu serviço tu ----			
Mas agora, Enkídu, contigo está minha liberação:			263
Pois fala a Gilgámesh que me restitua a vida!			
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:			265
Amigo meu, a Humbaba, guardião da Floresta de Cedros,			
Destrói-o, mata-o, sua ordem faz desaparecer!			267
A Humbaba, guardião da Floresta de Cedros, destrói-o, mata-o, sua			
ordem faz desaparecer,			
Antes que o saiba o preeminente Énlil			269
E fúria contra nós concebam os grandes deuses,			
Énlil em Níppur, Shámash em Larsa, fixa para sempre ----			271
Que foi Gilgámesh que matou Humbaba!			

E ouviu Humbaba o que Enkídu falou,	273
Levantou sua cabeça Humbaba, em face de Shámash chorava,	
Em face do fulgor de Shámash, vinham-lhe as lágrimas:	275
Que ----	276
Que não fiquem velhos ambos,	
A não ser seu amigo Gilgámesh, não tenha Enkídu outro para enterrá-lo!	278
O desfecho	
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:	279
Amigo meu, te falo, não ouves:	
Até que a maldição ----	281
---- para sua boca.	
Ouviu Gilgámesh as palavras de seu amigo,	283
Tirou a espada do lado,	
E Gilgámesh golpeou-lhe o pescoço.	285
---- Enkídu ---- enquanto os pulmões lhe tirava ele,	286
---- dava saltos,	
Da cabeça arrancou-lhe as presas como botim.	288
---- em abundância pelo monte caiu,	289
---- em abundância pelo monte caiu.	
▲ □ ≡ I	
---- seu ----	299
---- Gilgámesh ----	
---- perfumes das árvores para ele levavam, para ---- de Énlil.	301
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:	302
Amigo meu, a terra nua reduzimos a floresta,	
Como em Níppur responderemos a Énlil?	304
Com vosso poder, o guardião matastes!	
Que fúria essa vossa? Arrasastes a floresta!	
Depois de os sete filhos seus matarem –	307
Cigarra, Pio, Tufão, Grito, Astuto, ----, Tempestade –,	
Machados de dois talentos eram suas ferramentas,	309
Três côvados e meio de lascas aos seus golpes:	

Gilgámesh as árvores cortava,	311
Enkídu separava as melhores.	
Enkídu abriu a boca para falar, disse a Gilgámesh:	313
Amigo meu, cortamos um cedro alto,	
Cujo topo pelo céu avança;	315
Farei uma porta: de seis varas sua altura, duas varas sua largura,	
Um côvado a espessura, o batente e os eixos de cima e de baixo uma peça só!	317
À casa de Níppur leve-a o Eufrates,	
Alegre-se o templo de Níppur!	319
---- cipreste ----	
Prenderam uma barca, carregaram-na ----	321

Enkídu dirigia ----	323
E Gilgámesh a cabeça de Humbaba conduzia e ----	

[6, 1] Lavou-se da sujeira, limpou as armas

[Colofão 1] Tabuinha 5, série de Gilgámesh

[Colofão 2] Tabuinha 5, *Ele que o abismo viu*, série de Gilgámesh

Tabuinha 6

𒂗𒂗𒂗 𒂗𒂗𒂗 𒂗𒂗𒂗 𒂗𒂗𒂗 𒂗𒂗𒂗 𒂗𒂗𒂗 𒂗𒂗𒂗 𒂗𒂗𒂗 𒂗𒂗𒂗

A glória de Gilgámesh

Lavou-se da sujeira, limpou as armas, 1
Sacudiu os cachos sobre as costas,
Tirou a roupa imunda, pôs outra limpa, 3
Com uma túnica revestiu-se, cingiu a faixa:
Gilgámesh com sua coroa cobriu-se.

A paixão de Ishtar

À beleza de Gilgámesh os olhos lançou a majestosa Ishtar: 6
Vem, Gilgámesh, meu marido sejas tu!
Teu fruto dá a mim, dá-me! 8
Sejas tu o esposo, seja eu tua consorte!

Farei atrelar-te carro de lápis-lazúli e ouro, 10
As suas rodas de ouro, de âmbar os seus chifres:
Ter, átreloados os leões da tempestade, grandes mulas! 12
Em nossa casa perfumada de cedro entra!

Em nossa casa quando entres, 14
O umbral e o requinte beijem teus pés!
Ajoelhem-se sob ti reis, potentados e nobres, 16
O melhor da montanha e do vale te seja dado em tributo!

Tuas cabras a triplos, tuas ovelhas a gêmeos deem cria, 18
Teu potro com carga à mula ultrapasse,
Teu cavalo no carro majestoso corra, 20
Teu boi sob o jugo não tenha rival!

A recusa de Gilgámesh

Gilgámesh abriu a boca para falar, 22
Disse à majestosa Ishtar:

Se eu contigo casar, 24
---- o corpo e a roupa?

---- o alimento e o sustento? 26

Far-me-ás comer manjar digno de um deus?

Cerveja far-me-ás beber digna de um rei? 28

---- empilhe eu 30

---- vestuário

Quem ---- contigo casará? 32

Tu ---- que petrificas o gelo,

Porta pela metade que o vento não detém, 34

Palácio que esmaga ---- dos guerreiros,

Elefante ---- sua cobertura, 36

Betume que emporca quem o carrega,

Odre que vaza em quem o carrega, 38

Bloco de cal que ---- o muro de pedra,

Ariete que destrói o muro da terra inimiga, 40

Calçado que morde os pés de seu dono.

Qual esposo teu resistiu para sempre? 42

Qual valente teu aos céus subiu?

Vem, deixa-me contar teus amantes: 44

Aquele da oferenda ---- seu braço, 45

A Dúmuzi, o esposo de ti moça,

Ano a ano chorar sem termo deste; 47

Ao colorido roliceiro amaste, 48

Nele bateste e lhe quebraste a asa:

Agora fica na floresta a piar: asaminha!; 50

Amaste o leão, cheio de força: 51

Cavaste-lhe sete mais sete covas;

Amaste o cavalo, leal na refrega: 53

Chicote com esporas e açoite lhe deste,

Sete léguas correr lhe deste, 55

Sujar a água e bebê-la lhe deste,

E a sua mãe Silili chorar lhe deste;

Amaste o pastor, o vaqueiro, o capataz,
Que sempre brasas para ti amontoava,
Todo dia te matava cabritinhas: 58

Nele bateste e em lobo o mudaste,
Expulsam-no seus próprios ajudantes
E seus cães a coxa lhe mordem; 60

Amaste Ishullánu, jardineiro de teu pai,
Que sempre cesto de tâmaras te trazia,
Todo dia tua mesa abrilhantava,
A ele o olho lançaste e a ele foste: 61

Ishullánu meu, tua força testemos,
Tua mão levanta e abre nossa vulva! 63

Ishullánu te disse: 64
Eu? Que queres de mim?
Minha mãe não assou? Eu não comi? 66
Sou alguém que come pão de afronta e maldição,
Alguém de quem no inverno a relva é o abrigo? 68

Ouviste o que ele te disse, 68
Nele bateste e em sapo o mudaste,
Puseste-o no meio do jardim, 70
Não pode subir a ----, não pode mover-se a ----. 72

E queres amar-me e como a eles mudar-me! 75

A fúria de Ishtar

Ishtar isso quando ouviu, 77
Ishtar furiosa aos céus subiu,
Foi Ishtar à face de Ánu, seu pai, chorava, 79
À face de Ántum, sua mãe, vinham-lhe as lágrimas: 80

Pai, Gilgámesh tem-me insultada, 82
Gilgámesh tem contadas minhas afrontas,
Minhas afrontas e maldições... 84

Ánu abriu a boca para falar, 86
Disse à majestosa Ishtar: 87

O quê? Não foste tu que provocaste o rei Gilgámesh, 89
E Gilgámesh contou tuas afrontas,
Tuas afrontas e maldições? 92

Ishtar abriu a boca para falar, 94
Disse a Ánu, seu pai:
Pai, o Touro dá-me, 96
A Gilgámesh matarei em sua sede! 98

Se o Touro não me dá, 96
Golpearei a Érsetu agora, sua sede,
Pô-la-ei no plano do chão 98
E subirei os mortos para comer os vivos:
Aos vivos superar farei os mortos!

Ánu abriu a boca para falar, 101
Disse à majestosa Ishtar:
Se o Touro me pedes, 103
As viúvas de Úruk sete anos feno ajuntem,
Os lavradores de Úruk façam crescer o pasto.

Ishtar abriu a boca para falar, 106
Disse a Ánu, seu pai:
---- já guardado, 108
---- já cultivado,

As viúvas de Úruk sete anos feno juntaram, 110
Os lavradores de Úruk fizeram crescer o pasto. 112
Com a ira do Touro eu vou ----

Ouviu Ánu o dito por Ishtar, 113
E a corda do Touro em suas mãos pôs.

O Touro do Céu

---- e conduzia-o Ishtar. 115
À terra de Úruk quando ele chegou,
Secou árvores, charcos e caniços, 117
Desceu ao rio, sete côvados o rio baixou.

Ao bufar o Touro a terra fendeu-se, 119
Uma centena de moços de Úruk caíram-lhe no coração;

Ao segundo bufar a terra fendeu-se,
 Duas centenas de moços de Úruk; 121

Ao terceiro bufar a terra fendeu-se,
 Enkídu caiu-lhe no coração até a cintura: 123

E saltou Enkídu, ao Touro agarrou pelos chifres,
 O Touro, em sua face, cuspiu baba,
 Com a espessura de sua cauda ----. 125

Enkídu abriu a boca para falar,
 Disse a Gilgámesh:
 Amigo meu, ufanávamos ---- em nossa cidade.
 Como responderemos a toda esta gente? 127

Amigo meu, testeí o poder do Touro
 E sua força, aprendi sua missão ---- 128

Voltarei a testar o poder do Touro,
 Eu atrás do Touro ---- 130

Agarrá-lo-ei pela espessura da cauda,
 Porei meu pé atrás de seu jarrete,
 Em ---- seu,
 E tu, como açougueiro valente e hábil,
 Entre o dorso dos chifres e o lugar do abate teu punhal enfia! 132

Voltou Enkídu para trás do Touro,
 Agarrou-o pela espessura da cauda,
 Pôs o pé atrás de seu jarrete,
 Em ---- seu, 134

E Gilgámesh, como açougueiro valente e hábil,
 Entre o dorso dos chifres e o lugar do abate seu punhal enfiou. 141

Após o Touro matarem,
 Seu coração arrancaram e em face de Shámash puseram,
 Retrocederam e em face de Shámash puseram-se:
 Assentaram-se ambos juntos. 143

Chegou Ishtar sobre o muro de Úruk, o redil,
 Dançou em luto, proferiu um lamento:
 Este é Gilgámesh, que me insultou, o Touro matou! 145

E ouviu Enkídu o que disse Ishtar, 154
 Rasgou a anca do Touro e em face dela a pôs:
 E a ti, se pudera, como a ele faria: 156
 Suas tripas prendesse eu em teus braços!

Reuniu Ishtar as hierodulas, prostitutas e meretrizes,
 Sobre a anca do Touro em luto a carpir. 158

A celebração da vitória

Chamou Gilgámesh os artesãos, os operários todos, 160
 A espessura dos cornos observaram os filhos dos artesãos:
 Trinta minas de lápis-lazúli de cada um o peso, 162
 Duas minas de cada um a borda,
 Seis kor de óleo a capacidade de cada;

À unção de seu deus, Lugalbanda, os dedicou,
 Levou-os e pendurou em sua câmara real. 165

No Eufrates lavaram suas mãos, 167
 E abraçaram-se para partir.
 Pela rua de Úruk cavalgavam, 169
 Reunido estava o povo de Úruk para os ver.

Gilgámesh às servas de sua casa estas palavras disse: 171
 Quem o melhor dentre os moços?
 Quem ilustre dentre os varões? 173
 Gilgámesh o melhor dentre os moços,
 Gilgámesh ilustre dentre os varões!

---- a quem conhecemos em nossa fúria, 176
 ---- na rua quem o insulte não há,
 ---- caminho que ---- seu. 178

Gilgámesh em seu palácio fez uma festa: 179
 Deitados estão os moços, que nos leitos à noite dormem,
 Deitado está Enkídu, um sonho vê. 181

Levanta-se Enkídu para o sonho resolver. 182
 Diz ao amigo seu:

Ao E-babbarra, casa de Shámash, eu te arrastara, No ---- E-babbarra o cedro eu levantara, Na sua porta instalara eu Anzu!	51
---- entrada houvera eu ---- Houvera eu ---- da cidade ---- Shámash E em Úruk ---- Porque Shámash ouviu o que eu disse, Em ---- a arma me deu!	53
Agora, porta, eu que te fiz, eu que te ergui, Eu que ---- eu que te derrubarei? Possa um rei que venha depois de mim abominar-tel Possa um deus ---- esconder-te!	54
Meu nome remova e seu nome estabeleça! Arrancou ele ---- tirou.	56
As palavras de Gilgámesh	
Suas palavras ao ouvir, logo célere lhe vinham as lágrimas, Gilgámesh as palavras de Enkídu, amigo seu, ao ouvir, Logo célere lhe vinham as lágrimas.	59
Gilgámesh abriu a boca para falar, disse a Enkídu: Amigo meu ---- é claro. Quem ouvidos e entendimento tem, disparates ---- Por que, amigo meu, fala teu coração disparates ----?	61
O sonho é soberbo, os presságios, múltiplos: ---- zumbiam como moscas, ---- muito, o sonho é valioso: Ao que vive é legado o lamentar-se, O morto ao vivo lamentar-se lega.	63
Suplicarei e implorarei aos grandes deuses, A Shámash buscarei, a teu deus rezarei, Invocarei a Ánu, pai dos deuses ----, Que ouça Énlil, o grande conselheiro, a prece minha em tua presença!	65
Que o pedido ---- Com ouro sem conta tua efígie farei.	67

A resposta de Enkídu	
---- Amigo meu, prata não tragas, ouro não ----	83
O que Énlil disse não é como o que esses deuses ----, O que ele disse, não volta atrás, não se apaga, O que ele proclamou não volta atrás, não se apaga! Amigo meu, está traçado ----: Ao que lhe está fixado o povo avança!	85
A maldição do caçador	
Nem bem manhã, já alvorece, Ergue a cabeça Enkídu, em face de Shámash lamenta, Em face do brilho de Shámash, vinham-lhe as lágrimas:	87
A ti apelo, Shámash, por minha inestimável vida! Aquele caçador, homem de armadilhas, Que não me fez corresponder de todo a meu amigo, Aquele caçador não corresponda de todo a seu amigo!	92
Sua renda seja destruída, seu lucro apequenado, Reduza-se sua parte em tua presença! ---- onde ele entre, saia pela janela!	93
A maldição da meretriz	
Depois de ao caçador amaldiçoar de todo coração, À meretriz Shámhat de coração maldizer ele decide:	95
Vem, Shámhat, o fado fixar-te-ei, E o fado não cessará de era em era! Amaldiçoar-te-ei com grande maldição E logo célere minhas maldições te aflijam a ti!	97
Não te faças casa que te agrade, Não residas ---- de teus jovens, Não te assentes na câmara das moças, À tua bela veste o chão corroa,	99
Tua roupa de festa o bêbado com poeira suje, Não adquiras casa de ---- e coisas belas,	100

---- do oleiro,	112
---- nada adquiras,	
---- boa mesa, dom do povo, não se ponha em tua casa,	114
Teu leito que encanta seja um banco,	
O cruzamento da estrada, teu domicílio,	116
Ruínas sejam onde dormes, a sombra da muralha, o teu posto,	
Cardo e abrolho descasquem teus pés,	118
O bêbado e o sedento batam-te a face,	
---- que te processe e te acuse,	120
O teto de tua casa não revista o construtor,	
---- pouse a coruja,	122
---- não se ponha o banquete,	
----	124

---- não ----	126
---- veste roxa ----	
---- roupa desfiada ----	128
Da roupa desfiada ----.	
Porque a mim, puro, enfraqueceste:	130
A mim, puro, enfraqueceste na minha estepe!	
As palavras de Shámash	
Shámash ouviu o que disse sua boca	132
E súbito uma voz do céu gritou-lhe:	
Por que, Enkídu, a meretriz Shámhat amaldiçoas?	134
Ela te fez comer manjar digno de um deus,	
Cerveja te fez beber digna de um rei,	136
Vestiu-te com amplas roupas	
E o belo Gilgámesh por amigo conquistar te fez.	
Agora, Gilgámesh, teu amigo, teu dileto irmão,	139
Far-te-á deitar em amplo leito,	
Em leito respeitoso deitar-te fará,	141
Far-te-á sentar em sede tranquila, sede à sua esquerda,	
Os príncipes da terra beijarão teus pés.	

Fará chorar-te o povo de Úruk, fará gemer por ti,	144
Ao povo exuberante fará encher-se por ti de pêsames.	
E ele, depois de ti, suportará as grenhas de cadáver,	146
Vestirá pele de leão e vagará pela estepe.	
A benção da meretriz	
Ouviu Enkídu as palavras de Shámash, o guerreiro,	148
---- seu irado coração ele acalmou,	
---- seu zangado coração ele acalmou:	150
Vem, Shámhat, o fado fixar-te-ei,	151
A boca que te amaldiçoou volta atrás para bendizer-te!	
O general e o príncipe te amem,	153
Quem esteja a uma légua bata na coxa,	
Quem esteja a duas léguas sacuda os cachos,	155
Não se atrase o soldado em o cinto desatar!	
Leve-te obsidiana, lápis-lazúli e ouro,	157
Brincos preciosos ele te leve!	
A moço de boa casa, com celeiros cheios,	159
Ishtar, hábil, te apresente:	
Por tua causa ele abandone a mãe de sete filhos, sua esposa!	161
O sonho de mau agouro	
De Enkídu estava amargurado o âmago.	162
A pensar, deitava ele só consigo,	
E falava do que tinha em mente a seu amigo:	164
Tudo isto, amigo meu! Que sonho vi esta noite!:	165
Bramaram os céus, a terra rugiu,	
No meio de ambos estava eu de pé,	167
Havia um moço, sombrio seu rosto,	
Ao de Anzu seu rosto era igual	169
E a mãos de leão as suas mãos, a garras de águia as suas garras.	
Pegou-me os cabelos, era forte para mim,	171
Nele bati e como uma corda de pular ele saltou,	

Em mim bateu e como uma balsa me tombou, Como um forte touro selvagem pisou-me sobre, Veneno ele ---- o meu corpo.	173
Salva-me, amigo meu ---- Mas temes ---- Tu ---- ---- ----	176
Em mim bateu e em pombo me mudou, Atou como a um pássaro meus braços, Pegou-me e levou-me à casa das sombras, sede de Irkalla, À casa onde quem entra não sai,	182
À jornada da rota sem volta, À casa dos moradores privados de luz, Em que o pó é seu sustento, barro seu manjar, Seus trajes, como pássaros, vestimentas de pena,	184
Luz não podem ver, em escuridão habitam, Sobre a porta e o ferrolho camadas de pó, Sobre a casa do pó silêncio se derrama.	186
Na casa do pó, em que entrei eu, Reparei empilhadas as coroas: Sentavam-se os reis, coroas que desde muitos dias controlavam a terra, À mesa de Ánu e Énilil serviam carne assada, Cozido serviam, água fresca dos odres vertiam.	188
Na casa do pó, em que entrei eu, Sentava-se o hierofante e o celebrante, Sentava-se o oficiante e o exorcista, Sentava-se o sacerdote dos grandes deuses,	190
Sentava-se Etana, sentava-se Shákkán, Sentava-se a rainha da Érsetu, Eréshkigal, Bélet-séri, escriba da Érsetu, diante dela ajoelhada, Uma tabuinha segurava e lia diante dela.	192
	193
	195
	198
	200
	202
	204

Levantou a cabeça, olhou-me a mim: Quem trouxe este homem?	206
Quem ---- trouxe? ---- pronto	208
---- túmulo	210
----	212
---- mim	214
---- Eréshkigal ---- dilúvio	216
----	218
----	220
---- vi sua pessoa	

▲ □ « I

A despedida

Quem contigo enfrentou todas as penas, Lembra de mim, amigo meu, tudo que enfrentei não esqueças!	251
Meu amigo viu um sonho que não ---- O dia em que o sonho viu, findou sua força.	253
Jazia Enkídu o primeiro dia, doente, e o segundo, De Enkídu, em seu leito ---- O terceiro dia e o quarto dia de Enkídu ---- O quinto, sexto e sétimo, oitavo, novo e décimo,	255
De Enkídu a doença ---- Décimo primeiro e décimo segundo dia ----	257
Enkídu no leito ---- Chama então Gilgámesh ----:	259
	261

Chore-te o pastorzinho ---- Que te punha na boca manteiga!	29
Chore-te o ancião ---- Que cerveja te punha na boca!	31
Chore-te a meretriz ---- Que ---- óleo perfumado te ungiu o crânio!	33
Chore por ti ---- a casa das bodas Que a esposa ----	35
---- chore por ti ---- Como teus irmãos te chorem ----	37
Como tuas irmãs soltem os cabelos sobre as costas! Chorem por Enkídu tua mãe, teu pai ----: E neste dia chorar-te-ei eu!	39
Ouvi-me, moços, ouvi-me a mim! Ouvi-me, anciãos da vasta cidade de Úruk, ouvi-me a mim!	42
Eu, por Enkídu, amigo meu, choro, Como carpideira lamento com ardor!	44
Machado a meu flanco, socorro de meu braço, Espada em meu cinto, escudo de minha frente, Veste de minha festa, cinturão de meu desejo, Um vento ruim levantou-se e arrebatou-te de mim!	46
Amigo meu, mulo fugido, asno dos montes, pantera da estepe, Enkídu, amigo meu, mulo fugido, asno dos montes, pantera da estepe, Que nos unimos e subimos o monte, Pegamos o touro, matamos, Tocamos Humbaba, que a Floresta de Cedros habitava!	50
Agora, que sono te pegou a ti? Ficas calado e não me ouves a mim?	52
O desfecho	55
Mas ele não ergueu a cabeça.	57
Tocou-lhe o coração e não batia nada. Cobriu o amigo, como a uma noiva sua face, Como uma águia girava-lhe sobre,	58

Como uma leoa que privada dos filhotes Andava-lhe em face e atrás,	63
Arrancava e soltava os cabelos cacheados, Tirava e atirava os adornos, como se intocáveis ----.	63

Os ritos

Nem bem manhã, já alvorece, Gilgámesh a sua terra proclamas dirige:	65
Ferreiro, lapidário, caldeireiro, ourives, joalheiro, Fazei o amigo meu ----.	67
---- fez ele a efígie de seu amigo: De meu amigo os membros são de ----,	69
As sobancelhas de lápis-lazúli, o tórax de ouro, Seu corpo é de ----	71

△ □ ≡ I

As honras

Far-te-ei deitar em amplo leito, Em leito respeitoso far-te-ei deitar,	84
Far-te-ei sentar em sede tranquila, sede à minha esquerda, Os príncipes da terra beijarão teus'pés,	86
Farei chorar-te o povo de Úruk, farei gemer por ti, Ao povo exuberante farei encher-se por ti de pêsames.	88
E eu, depois de ti, suportarei as grenhas de cadáver, Vestirei pele de leão e vagarei pela estepe.	90

As oferendas

Nem bem manhã, já alvorece, ----	92
Os nós desatou, as joias viu: Obsidiana, cornalina ---- alabastro, ---- seu ---- trabalhado, .	94
	96

---- pôs para o amigo seu, ---- pôs para o amigo seu,	
---- de ---- dez minas de ouro, pôs para o amigo seu, ---- de ---- minas de ouro, pôs para o amigo seu, ---- de ---- minas de ouro, pôs para o amigo seu, ---- de ---- minas de ouro, pôs para o amigo seu, ----	99 101
---- entre as deles, trinta minas de ouro tomadas, ---- deles, pôs para o amigo seu, ---- deles, pôs para o amigo seu, ---- a espessura deles,	104 106
----deles, pôs para o amigo seu ---- amplo, ---- pôs para o amigo seu, ---- sua cintura,	108 110
---- pôs para o amigo seu, ---- pôs para o amigo seu, ---- pôs para o amigo seu, ---- pôs para o amigo seu,	112 114
---- ---- pôs para o amigo seu, ---- de seus pés, pôs para o amigo seu, ---- talentos de presas de elefantes ----	116 118
---- minas de ouro sua alça, pôs para o amigo seu, ---- o poder de seu braço, pôs para o amigo seu, ---- sua aljava, um talento de ouro sua alça, pôs para o amigo seu, ---- a maçã de sua mão era de presas de elefante,	120 122
---- dele, quarenta minas de ouro sua alça, pôs para o amigo seu, ---- dele, três cúbitos era seu comprimento, ---- sua espessura, pôs para o amigo seu, ---- cintilante ouro,	124 126
---- de cornalina ---- borda de ferro, ---- a guarnição era um touro selvagem.	128

Os deuses da Êrsetu

---- para o amigo seu, Bois gordos, ovelhas cevadas sacrificou, empilhou para o amigo seu, ---- do amigo meu, ---- para os príncipes da terra toda comida levaram.	130 132
---- Ishtar grande rainha, Um invólucro ---- de madeira pura, Para Ishtar grande rainha, a Shámash ele mostrou: Receba-o Ishtar grande rainha ----, Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminhe!	134 136
---- Para Namra-sit ----, a Shámash ele mostrou: Receba-o Namra-sit ----, Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminhe!	139 141
Um frasco de lápis-lazúli ---- ---- Para Eréshkigal rainha da Êrsetu, a Shámash ele mostrou: Receba-o Eréshkigal rainha da populosa Êrsetu, Em face do amigo meu se alêgre e ao lado seu caminhe!	143 145
Uma flauta de cornalina ---- Para Dúmuzi, o pastor amado de Ishtar, a Shámash ele mostrou: Receba-a Dúmuzi, o pastor amado de Ishtar ----, Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminhe!	148 150
Um trono de lápis-lazúli, um touro ---- Um báculo de lápis-lazúli ---- Para Namtar, administrador da Êrsetu, a Shámash ele mostrou: Receba-o Namtar, administrador da populosa Êrsetu, Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminhe!	152 154
---- ---- Para Húshbishag, governanta da Êrsetu, a Shámash ele mostrou: Receba-o Húshbishag, governanta da populosa Êrsetu, Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminhe!	157 159

Mandou fazer ----	162
Um broche de prata, pulseiras de cobre ----	
Para Qassa-tábat, o faxineiro de Eréshkigal, a Shámash ele mostrou:	164
Receba-o Qassa-tábat, faxineiro de Eréshkigal ----	
Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminho,	166
O amigo meu não ----, seu coração não se aflija!	
---- alabastro, o seu coração de lápis-lazúli e cornalina incrustado,	168
---- da Floresta de Cedros,	
---- de cornalina incrustado,	170
Para Ninshuluhhatumma, camareira da casa, a Shámash ele mostrou:	171
Receba-o Ninshuluhhatumma, camareira da casa,	
Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminho,	173
---- em face do amigo meu,	173*
O amigo meu não ----, seu coração não se aflija!	
Uma adaga de dois gumes, de lápis-lazúli sua empunhadura,	175
Com a imagem do puro Eufrates,	
Para Bíbbu, açougueiro da Érsetu, a Shámash ele mostrou:	177
Receba-o Bíbbu, açougueiro da populosa Érsetu,	
Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminho!	
---- um frasco de alabastro,	180
Para Dúmuzi-ábzu, bode-expiatório da Érsetu, a Shámash ele mostrou:	
Receba-o Dúmuzi-ábzu, bode-expiatório da populosa Érsetu,	182
Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminho!	
---- o cimo de lápis-lazúli,	184
---- de cornalina incrustado	
▲ □ ≡ I	
Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminho!	199
---- de cedro.	
Para ---- grande, a Shámash ele mostrou:	201
Receba-o ---- grande,	
Em face do amigo meu se alegre e ao lado seu caminho!	20

----	205
---- de cedro.	

----	207
---- que nós ----	
---- seus nomes ----	209
---- juiz dentre os Anunnákki ----	

Gilgámesh, isto quanto ouviu,	211
O represamento do rio concebeu em seu coração.	

Ritos finais

Nem bem manhã, já alvorece,	213
Gilgámesh abriu seu portal	
E tirou para fora uma mesa de madeira, grande:	215

Uma tigela de cornalina encheu de mel,	216
Uma tigela de lápis-lazúli com manteiga encheu,	
---- adornou e a Shámash ele mostrou,	218
---- mostrou.	

▲ □ ≡ I

Brilhante ----	229
Ele ----	

[Colofão] Tabuinha 8, *Ele que o abismo viu*
Escrita e conferida com o original
Palácio de Assurbanípal, rei do mundo, rei da Assíria

Tabuinha 9

→+ 𐎠 𐎠 + 𐎠 →+ 𐎠 𐎠 𐎠 𐎠 𐎠

Errância

Gilgámesh por Enkídu, amigo seu, Amargo chora e pela estepe vaga:	1
Morro eu e como Enkídu não fico? Luto entrou-me às entranhas,	3
A morte temo e pela estepe vago Ao encaço de Uta-napíshti, filho de Ubara-tútu,	5
A caminho estou, rápido vou. À entrada do monte à noite cheguei.	7
Leões vi e temor me tomou, Ergui-me a cabeça, a Sin supliquei,	9
A ----, luz dos deuses, foi minha prece: Sin e ----, fique eu intacto!	11
Gilgámesh levantou e tremia: um sonho! ---- diante de Sin alegrou-se por estar vivo.	13
Ergueu o machado em sua mão, Sacou a espada de seu cinto,	15
Como uma flecha no meio lhes caiu, Golpeou os leões, matou, destroçou,	17
E ----	19
Lançou ----	21
Tirou ---- O nome do primeiro ----	23
O nome do segundo ---- Ergueu sua cabeça, a Sin suplicou,	25
A ----, luz dos deuses, foi sua prece:	

Sin, ----,	26
Que ----	
Como ----	28
Sin ----	

𐎠 𐎠 𐎠 𐎠

O caminho de Shámash

Do monte o nome era Máshu.	37
Ao monte Máshu quando ele chegou – Monte que dia a dia guarda a saída do Shámash, Seus topos a armação do céu atingem, Embaixo, ao Arallu seus seios chegam –,	38
Homens-escorpião guardavam o portal: Deles terrível é o temor e o olhar é morte, Seu pavoroso resplendor envolve as montanhas, À saída do Shámash e ao pôr de Shámash guarda fazem a Shámash.	40
Homens-escorpião guardavam o portal: Deles terrível é o temor e o olhar é morte, Seu pavoroso resplendor envolve as montanhas, À saída do Shámash e ao pôr de Shámash guarda fazem a Shámash.	42
Viu-os Gilgámesh e de temor e espanto cobriu-se-lhe a face, Retomou o juízo e diante deles chegou.	44
O homem-escorpião a sua esposa clamou: Este que até nós vem, carne de deuses é seu corpo! Ao homem-escorpião sua esposa responde-lhe: Dois terços dele é deus e um terço é humano.	46
O homem-escorpião macho clama, Ao rei Gilgámesh, carne de deuses, esta palavra diz:	50
Tu, como chegaste a distante caminho, ---- te aproximaste até diante de mim? Como os rios atravessaste cuja travessia é difícil? ---- deixa-me saber,	52
---- onde tua face está, ---- deixa-me saber,	54
---- deixa-me saber,	56
---- onde tua face está, ---- deixa-me saber,	58
A rota até Uta-napíshti, meu pai ---- Que esteve na assembléia dos deuses, a vida obteve,	75

𐎠 𐎠 𐎠 𐎠

A morte e a vida ----	77
O homem-escorpião abriu a boca para falar, Disse a Gilgámesh:	78
Não há, Gilgámesh, alguém como tu ---- Que dos montes jamais ----	80
De doze léguas é o coração dos montes ---- Densa é a treva e não há luz.	82
À saída de Shámash ---- Ao pôr de Shámash ----	84
Ao pôr ---- Mandaram ----	86
---- Tu, como ---- Queres ir ----	88 90
Com lamentos ---- Com frio e calor queimou-se-me a face, Com fadiga ---- Agora, tu ----	125 127
A travessia do caminho Shámash	
O homem-escorpião abriu a boca para falar, Ao rei Gilgámesh, carne de deuses, esta palavra diz:	129
Vai, Gilgámesh ---- Que os montes Máshu ----	131
Os montes e colinas ---- Que a salvo ---- O portal do monte ----.	133
Gilgámesh isto quando ouviu, Ao dito pelo homem-escorpião ----	136
A rota de Shámash tomou ----:	138
Uma légua ---- Densa é a treva e não há luz, Não lograva ver algo atrás de si.	139 141

Duas léguas ---- Densa é a treva e não há luz, Não lograva ver algo atrás de si.	142 144
Três léguas ---- Densa é a treva e não há luz, Não lograva ver algo atrás de si.	145 147
Quatro léguas ---- Densa é a treva e não há luz, Não lograva ver algo atrás de si.	148 150
Cinco léguas ---- Densa é a treva e não há luz, Não lograva ver algo atrás de si.	151 153
Seis léguas quando ele perfez, Densa é a treva e não há luz, Não lograva ver algo atrás de si.	154 156
Sete léguas quando ele perfez ---- Densa é a treva e não há luz, Não lograva ver algo atrás de si.	157 159
Oito léguas, como ---- precipitava-se, Densa é a treva e não há luz, Não lograva ver algo atrás de si.	160 162
Nove léguas ---- vento norte, ---- seu rosto, Densa é a treva e não há luz, Não lograva ver algo atrás de si.	163 165
Dez léguas quando perfez ---- próximo.	167
Onze léguas ---- rota de uma légua, ---- chegou antes de Shámash.	169
O pomar dos deuses ---- um brilho há, ---- às árvores dos deuses, enquanto olha, avança:	171

Gilgámesh a ela disse, à taberneira: Enkídu, amigo meu, ----	29
Que nos unimos e subimos o monte, O Touro pegamos e o Touro matamos,	31
Tocamos Humbaba, que a Floresta de Cedros habitava, Na passagem dos montes matamos leões.	33
A taberneira a ele disse, a Gilgámesh: Se tu e Enkídu sois os que o guarda matastes,	35
Tocastes Humbaba, que a Floresta de Cedros habitava, Na passagem dos montes matastes leões, O Touro pegastes e o Touro matastes que do céu desceu,	37
Por que consumidas te estão as tēmporas, cavada tua face, Desafortunado teu coração, aniquilada tua figura?	40
Há luto em tuas entranhas, À de quem chega de longe tua face se iguala,	42
Com frio e calor está queimada tua face, E uma face de leão te tendo posto vagas pela estepe?	44
Gilgámesh a ela disse, à taberneira: Por que consumidas não me estariam as tēmporas, não cavada a face, Não desafortunado o coração, não aniquilada a figura, Não haveria luto em minhas entranhas,	46
À de quem chega de longe minha face não se igualaria, Com frio e calor não estaria queimada minha face, E uma face de leão me tendo posto não vagaria eu pela estepe?	48
Ao amigo meu, mulo fugido, asno dos montes, pantera da estepe, A Enkídu, amigo meu, mulo fugido, asno dos montes, pantera da estepe,	50
Ao amigo meu que – o amo muito! – comigo enfrentou todas as penas, A Enkídu, amigo meu que – o amo muito! – comigo enfrentou todas as penas, Atingiu-o o fado da humanidade!	52
Por seis dias e sete noites sobre ele chorei, Não o entreguei ao funeral	53
Até que um verme lhe caiu do nariz.	58
	60

Tive medo ---- A morte temi, vago pela estepe.	61
O caso do amigo meu pesa sobre mim, Um longo caminho vago pela estepe,	63
O caso de Enkídu, amigo meu, pesa sobre mim, Uma longa jornada vago pela estepe!	65
Como calar, como ficar eu em silêncio? O amigo meu, que amo, tornou-se barro, Enkídu, o amigo meu, que amo, tornou-se barro! E eu: como ele não deitarei E não mais levantarei de era em era?	67
Gilgámesh a ela disse, à taberneira: E agora, taberneira, qual a jornada até Uta-napíshti? Qual a senha? A mim dá-ma! Dá a senha a mim!	69
Se é possível, o mar atravessarei, Se não for possível, pela estepe vagarei.	72
A taberneira a ele disse, a Gilgámesh: Não houve, Gilgámesh, travessia jamais E ninguém, desde os dias de antes, jamais atravessou o mar. Atravessa o mar Shámash, o guerreiro, Pois, tirando Shámash, atravessa o mar quem?	74
Difícil é a travessia, estreito, o caminho, No meio, as águas da morte, que o avanço obstruem: E então, Gilgámesh, tendo o mar atravessado, Às águas da morte tendo chegado, farás o quê?	76
Gilgámesh, há Ur-shánabi, barqueiro de Uta-napíshti, E com ele, os de pedra: no coração da floresta está colhendo cedro. Vai, veja ele tua face! Se é possível, atravessa com ele, Se não for possível, volta atrás!	78
	80
	83
	85
	87
	89
O barqueiro	
Gilgámesh, isso quando ouviu, Pegou o machado na mão,	92

Puxou a espada do cinto, Deslizou e desceu sobre eles, Como uma flecha no meio deles caiu.	94
No coração da floresta fez muito barulho: Viu Ur-shánabi o brilho ----	97
Pegou o machado e correu para ele, Mas o outro golpeou-lhe a cabeça – ele, Gilgámesh – Agarrou-lhe o braço e ---- prendeu-o.	99
Os de pedra tinham vedado o barco, Eles que não temiam as águas da morte. ---- amplo mar,	102
Nas águas, ele ---- segurou,	104
Esmagou os de pedra, jogou no rio, ---- barco, ---- sentou na margem.	106
Gilgámesh a ele disse, a Ur-shánabi, o barqueiro: ---- tremes, ---- tu.	109
Ur-shánabi a ele disse, a Gilgámesh: Por que consumidas te estão as tēmporas, cavada tua face, Desafortunado teu coração, aniquilada tua figura? Há luto em tuas entranhas, À de quem chega de longe tua face se iguala,	111
Com frio e calor está queimada tua face, E uma face de leão te tendo posto vagas pela estepe!	112
Gilgámesh a ele disse, a Ur-shánabi, o barqueiro: Por que consumidas não me estariam as tēmporas, não cavada a face, Não desafortunado o coração, não aniquilada a figura, Não haveria luto em minhas entranhas,	114
À de quem chega de longe minha face não se igualaria, Com frio e calor não estaria queimada minha face, E uma face de leão me tendo posto não vagaria eu pela estepe?	117
Ào amigo meu, mulo fugido, asno dos montes, pantera da estepe,	121
	125
	126

A Enkídu, amigo meu, mulo fugido, asno dos montes, pantera da estepe, Que nos unimos e subimos o monte, O Touro pegamos e o Touro matamos,	128
Tocamos Humbaba, que a Floresta de Cedros habitava, Na passagem dos montes matamos leões, Ao amigo meu que – o amo muito! – comigo enfrentou todas as penas, A Enkídu, amigo meu que – o amo muito! – comigo enfrentou todas as penas, Atingiu-o o fado da humanidade!	130
Por seis dias e sete noite sobre ele chorei, Não o entreguei ao funeral Até que um verme lhe caiu do nariz.	132
Tive medo ---- A morte temi, vago pela estepe.	135
O caso do amigo meu pesa sobre mim, Um longo caminho vago pela estepe, O caso de Enkídu, amigo meu, pesa sobre mim, Uma longa jornada vago pela estepe!	137
Como calar, como ficar eu em silêncio? O amigo meu, que amo, tornou-se barro, Enkídu, o amigo meu, que amo, tornou-se barro! E eu: como ele não deitarei E não mais levantarei de era em era?	138
Gilgámesh a ele disse, a Ur-shánabi, o barqueiro: E agora, Ur-shánabi, qual a jornada até Uta-napishti? Qual a senha? A mim dá-ma! Dá a senha a mim!	140
Se é possível, o mar atravessarei, Se não for possível, pela estepe vagarei.	142
Ur-shánabi a ele disse, a Gilgámesh: Tua mão, Gilgámesh, impediu-te a travessia: Esmagaste os de pedra, jogaste no rio, Os de pedra estão esmagados e o cedro não colhido.	144
	146
	149
	151
	153
	155
	157

Pega, Gilgâmesh, o machado em tua mão, Desce à floresta e, estacas de cinco varas, trezentas corta, Descasca-as e põe uma saliência, Leva-as ----	159 161
Gilgâmesh isso quando ouviu, Pegou o machado em sua mão, Puxou a espada do cinto, Desceu à floresta e, estacas de cinco varas, trezentas cortou,	163 165
Descascou-as e pôs uma saliência, Levou e ----.	167
A travessia	
Gilgâmesh e Ur-shânabi conduziram-se ao barco, A embarcação lançaram e eles mesmos a conduziam. Jornada de mês e meio ao terceiro dia, alcançaram ---- E atingiu Ur-shânabi as águas da morte.	169 171
Ur-shânabi a ele disse, a Gilgâmesh: ----, Gilgâmesh, pega a primeira estaca!	173
As águas da morte tua mão não toque, deixá-la-ás aleijada! A segunda, terceira e quarta – Gilgâmesh! – pega as estacas!	175
Quinta, sexta e sétima – Gilgâmesh! – pega as estacas! Oitava, nona e décima – Gilgâmesh! – pega as estacas!	177
Onze, doze – Gilgâmesh! – pega as estacas!... A duas vezes três milhares e meio de estacas, Gilgâmesh as estacas esgotou.	179
E ele soltou seu cinto – ele, Ur-shânabi –, Gilgâmesh arrancou-lhe a veste, Com seus braços uma vela levantou.	181 183
Uta-napishti	
Uta-napishti de longe observa-os, Pondera em seu coração, uma palavra diz, Consigo mesmo se aconselha ele:	184 186
Por que estão quebrados, da barca, os de pedra, E não é o seu senhor quem conduz sobre ela?	187

O que vem não é meu homem, E à direita ----	189
Estou reparando e não é meu homem, Estou reparando e não ---- Estou reparando ---- ---- mim ----	191 193
---- Não é meu homem ---- Faz vagar ---- O barqueiro ----	195 197
O homem que estou reparando não ---- Quem estou reparando não ---- Talvez a estepe ---- ---- O cedro ----	199 201
Gilgâmesh do cais aproxima-se, Desce ---- E ele levantou e ----	204 206
Gilgâmesh a ele disse, a Uta-napishti: Que vivas, Uta-napishti, filho de Ubar-tútu ---- ---- depois do dilúvio que ---- O dilúvio por que ---- ---- que ----	207 209
Uta-napishti a ele disse, a Gilgâmesh: Por que consumidas te estão as tēmporas, cavada tua face, Desafortunado teu coração, aniquilada tua figura? Há luto em tuas entranhas, À de quem chega de longe tua face se iguala,	212 214
Com frio e calor está queimada tua face, E uma face de leão te tendo posto vagas pela estepe.	217
Gilgâmesh a ele disse, a Uta-napishti: Por que consumidas não me estariam as tēmporas, não cavada a face, Não desafortunado o coração, não aniquilada a figura, Não haveria luto em minhas entranhas,	219 221

À de quem chega de longe minha face não se igualaria, Com frio e calor não estaria queimada minha face, E uma face de leão me tendo posto não vagaria eu pela estepe?	223 225
Ao amigo meu, mulo fugido, asno dos montes, pantera da estepe, A Enkídu, amigo meu, mulo fugido, asno dos montes, pantera da estepe, Que nos unimos e subimos o monte, O Touro pegamos e o Touro matamos,	226 228
Tocamos Humbaba, que a Floresta de Cedros habitava, Na passagem dos montes matamos leões, Ao amigo meu que – o amo muito! – comigo enfrentou todas as penas, A Enkídu, amigo meu que – o amo muito! – comigo enfrentou todas as penas, Atingiu-o o fado da humanidade!	230 232
Por seis dias e sete noite sobre ele chorei, Não o entreguei ao funeral Até que um verme lhe caiu do nariz.	235 237
Tive medo ---- A morte temi, vago pela estepe.	238
O caso do amigo meu pesa sobre mim, Um longo caminho vago pela estepe, O caso de Enkídu, amigo meu, pesa sobre mim, Uma longa jornada vago pela estepe!	240 242
Como calar, como ficar eu em silêncio? O amigo meu, que amo, tornou-se barro, Enkídu, o amigo meu, que amo, tornou-se barro! E eu: como ele não deitarei E não mais levantarei de era em era?	244 246
Gilgámesh a ele disse, a Uta-napishti: Pensei eu: vou a Uta-napishti, o distante de quem falam todos, vou vê-lo. Vago, vou por todas as terras: Passei uma e outra vez por montes com dificuldade,	249 251
Atravessei uma e outra vez todos os mares, De doce sono não se saciou minha face, Castiguei a mim mesmo ficando desperto, Os nervos de lamentos cheios: O que lucrei em minha fadiga?	253 255

Perto da taberneira não chegara e minha roupa eu tinha destruída, Matei urso, hiena, leão, pantera, leopardo, Carneiro, veado, o rebanho e os animais do monte, Sua carne comi, sua pele esfolei.	258 260
De lamentos fechem eles sua entrada, Com betume e asfalto vedem sua entrada, Por minha causa a dança não ---- Por minha causa a alegria ----	262 264
Os conselhos de Uta-napishti	
Uta-napishti a ele disse, a Gilgámesh: Por que, Gilgámesh, em lamentos te fixas tu Que da carne de deuses e homens foste criado, E como a teu pai e tua mãe te fizeram?	266 268
Quando, Gilgámesh, a um parvo ---- ? Um trono na assembleia puseram: senta-te! – falaram-te. Dá-se ao parvo borra de cerveja como manteiga ---- Farelo e cascas como ----	270 272
Veste andrajos como ---- Como cinto, uma corda ---- Porque não tem conselheiros ---- Conselhos em palavras não têm ----	274 276
Cuida dele, Gilgámesh ---- ---- senhor deles, todos que ---- ---- ---- a Sin e os deuses da noite ----	278 280
De noite a Sin vai ---- E despertos os deuses ---- Acordado, não repousa ---- Desde muito está posto ----	282 284
Tu, considera ---- Companhia ----	286

Se, Gilgámesh, a casa dos deuses provês, Casa das deusas ----	288
Eles ---- deuses ---- Para ---- fez ---- ---- ao dom ----	290
---- suas entranhas ---- ---- provê ---- ---- a humanidade ---- alcança seu destino:	293
Tu, desperto o que alcanças? Estando desperto esgotas a ti mesmo, Teus nervos, os lamentos os consomem, Distante, abrevias teus dias.	297
A humanidade é de que, como caniço no pântano, se lhe ceifa o nome: O moço belo, a moça bela, Logo ---- deles leva a morte.	301
Não há quem a morte veja, Não há quem da morte veja a face, Não há quem da morte a voz ouça, A furiosa morte ceifa a humanidade.	304
Chegada a hora, construimos uma casa, Chegada a hora, fazemos um ninho, Chegada a hora, os irmãos repartem, Chegada a hora, rixas há na terra.	308
Chegada a hora, o rio sobe e traz a enchente, A libélula flutua no rio, Sua face olha em face Shámash: Logo a seguir não há nada.	312
O sequestrado e o morto: um é como o outro! –	316

Da morte não delinham a figura! A um homem, um morto não o bendiz com bênçãos sobre a terra.	318
Os Anunnákki, grandes deuses, reunidos, Mammitum, que cria os fados, com eles o fado fez: Dispuseram morte e vida, Da morte não revelaram o dia.	319
	321

[1] Gilgámesh a ele disse, a Uta-napishti, o distante

[Colofão] Tabuinha 10, *Ele que o abismo viu*, série de Gilgámesh.
Palácio de Assurbanípal, rei do mundo, rei da Assíria

Tabuinha 11

 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100

O segredo dos deuses

Gilgâmesh a ele disse, a Uta-napíshti, o distante: 1

Olho-te, Uta-napíshti,

Teu talhe não é diferente, como eu és tu, 3

E tu não és diferente, como eu és tu.

Vim pronto, de coração, a fazer-te guerra, 5

---- meu braço jogou-se sobre tuas costas!

Tu, como estiveste na assembleia dos deuses e a vida tiveste? 7

Uta-napíshti a ele disse, a Gilgâmesh: 8

Descobrir-te-ei, Gilgâmesh, palavras secretas

E um mistério dos deuses a ti falarei: 10

Shurúppak, cidade que tu conheces, 11

Cidade que às margens do Eufrates está –

A cidade, ela é antiga e deuses dentro tem. 13

Ao proporem o dilúvio comandar a seu coração os grandes deuses, 14

Jurou seu pai Ánu,

Seu conselheiro, o guerreiro Énlil, 16

Seu mordomo, Ninurta,

Seu inspetor dos canais, Énnugi.

Os desígnios de Ea

O príncipe Ea com eles sob jura estava, 19

Mas suas palavras repetiu à cerca de caniços:

Cerca! cerca! parede! parede! 21

Cerca, escuta! parede, resguarda!

Homem de Shurúppak, filho de Ubara-Tútu, 23

Derruba a casa, constrói um barco,

Abandona a riqueza e escolhe a vida, 25

As posses despreza e tua vida leva,

Conserva a semente de tudo que vive no coração do barco!

O barco que construirás tu: 28

Seja proporcional seu talhe,

Seja igual sua largura ao comprimento, 30

Como o Apsu seja sua cobertura!

Eu entendi e disse a Ea, meu senhor: 32

Aquiesço, meu senhor, com o que assim falas tu,

Prestei eu atenção. Fá-lo-ei. 34

Como responderei à cidade – ao povo e aos anciãos?

Ea abriu sua boca para falar, 36

Disse a seu servo, a mim:

E assim tu a eles falarás: 38

Quiçá a mim Énlil detesta,

Não habitarei vossa cidade, 40

No chão de Énlil não porei os pés!

Descerei ao Apsu: com Ea, meu senhor, habitarei. 42

Sobre vós fará ele chover abundância: 43

Profusão de pássaros, fartura de peixes.

Sobre vós fará chover riqueza e colheita! 45

Ao amanhecer, bolos,

Ao anoitecer, far-vos-á chover tempestades de trigo!

A feitura do barco

Nem bem manhã, já alvorece, 48

A sua entrada o Supersábio reuniu toda terra:

O carpinteiro traz sua machadinha, 50

O tecedor de bambus traz sua pedra,

Seu machado traz ---- 52

Os moços ----

Os velhos carregam cordas, 54

O rico traz betume,

O pobre ---- necessário transporta.

Ao quinto dia contemplei sua forma: 57

Um acre sua circunferência, dez varas sua altura,

Dez varas por igual a borda de seu topo. 59

Impus-lhe o corpo, a ele moldei:

Pus-lhe scis convés, Dividi-o em sete, Seu interior dividi em nove, Cavilhas para a água em seu meio preguei, Vi uma estaca e o necessário lhe impus.	61 63
Três <i>sháru</i> de betume verti no jarro, Três <i>sháru</i> de asfalto ---- no seu coração. Três <i>sháru</i> os carregadores trouxeram, em vasilhas transportaram, de azeite: Salvo o <i>shar</i> de azeite que consumiu a oferenda, Dois <i>sháru</i> de azeite foi o que guardou o piloto.	66 68
Para os artesãos matei um boi, Degolei ovelhas cada dia, Cerveja, áraque, azeite, vinho Aos artesãos fiz beber, como água de rio – Uma festa faziam como no dia do <i>akltu</i> !	71 73
O embarque	
Shámash ao erguer-se, à unção minha mão impus, Antes de Shámash pôr-se, o barco já terminara. ---- muito difícil: Uma rampa de troncos fomos colocando de cima para baixo, Até que ---- chegou dele dois terços.	76 78
Quanto eu tinha embarquei nele, Quanto tinha embarquei de prata, Quanto tinha embarquei de ouro, Quanto tinha embarquei da semente de tudo que existe:	81 83
Fiz subir ao coração do barco toda minha família e meu clã, O rebanho da estepe, os animais da estepe, os filhos dos artesãos.	85
Um termo Shámash pôs: Ao amanhecer, bolos, ao anoitecer fez ele chover tempestades de trigo... Entra no coração do barco e fecha-lhe a porta!	87
O dilúvio	
O termo chegou: Ao amanhecer, bolos, ao anoitecer fará ele chover tempestades de trigo!	90

Do dia contemplei a forma: Do dia, quando o olhava, medo eu tinha.	92
Entrei no coração do barco e fechei-lhe a porta. Ao que calafetou o barco, Púzur-Énlil, o marinheiro, O palácio dei com seus bens.	94 96
Nem bem manhã, já alvorece, Sobe dos fundamentos do céu uma nuvem negra, Ádad em seu coração troveja, Shúllat e Hánish vão à frente,	97 99
Vão os porta-tronos pelo monte e a terra, As balizas Érrakal arranca, Vai Ninurta, as represas entorna! Os Anunnákki têm tochas: Com seu clarão incandescem a terra!	101 103
Ádad, seu silêncio atravessa os céus, Tudo que claro trevas se tornou: Afluiu à terra como um boi ---- quebrou-a, Um dia, vendaval ---- Logo soprava e ---- o vento leste, o dilúvio,	106 108
Como uma guerra sobre o povo atravessou a catástrofe: Não via o irmão seu irmão, Não se reconhecia o povo na desagregação.	111 113
Os deuses tinham medo do dilúvio, Saíam, subiam ao céu de Ánu. Os deuses, como cães encolhidos, fora deitavam.	114 116
Gritava a deusa como em trabalho de parto, Gemia Bélet-íli, amável voz: Este dia sim! Em barro sim tornou-se! Porque eu na assembleia dos deuses falei perversidade!	117 119
Como falei na assembleia dos deuses perversidade, Para que desaparecesse meu povo pela guerra, falei! Eu mesma os pari! Meu povo! E como crias de peixes eles enchem o mar!	121 123

Os deuses, os Anunnákki choravam com ela, Os deuses, submersos em aflição, a chorar, Dissolvidos em lágrimas, choravam com ela, Tremores nos lábios, tomados de febre.	125 126'
Seis dias e sete noites Veio vento, tempestade, vendaval, dilúvio.	128
O sétimo dia ao romper, Amainou o vendaval ---- Amainou o dilúvio sua guerra. O que lutou como em trabalho de parto descansou, o mar. Calou-se a tormenta. O dilúvio estancou.	130 131 ^b
Olhei o dia: posto em silêncio E a totalidade dos homens tornara-se barro.	134
Como um terraço estava liso o prado. Abri a claraboia, uma luz caiu-me sobre as têmporas. Abaixei-me, sentei e chorei, Sobre as têmporas vinham-me as lágrimas.	136 138
Olhei os lugares, a borda do mar, Em quatorze emergia a terra. No monte Nímush enalhou o barco, O monte Nímush o barco prendeu e mover-se não o deixou.	140 142
Um dia, dois dias, o monte Nímush o barco prendeu e mover-se, não o deixou Terceiro dia, quarto dia, o monte Nímush o barco prendeu e mover-se não o deixou, Quinto, sexto, o monte Nímush o barco prendeu e mover-se não o deixou.	144 146
O sétimo dia quando chegou, Tirei uma pomba, soltei, Foi-se a pomba e retornou, Pouso não havia e voltou.	147 149
Tirei uma andorinha, soltei, Foi-se a andorinha e retornou, Pouso não havia e voltou.	151 153

Tirei um corvo, soltei, Foi-se o corvo e a diminuição das águas ele viu, Come, salta, dá voltas e não volta.	154 156
--	------------

A assembleia dos deuses

Tirei e pelos quatro ventos ofereci uma oferenda, Pus a oferenda no alto topo do monte: Sete mais sete frascos depositei, Por baixo derramei cana, cedro e murta.	157 159
Os deuses sentiram o aroma, Os deuses sentiram o doce aroma, Os deuses, como moscas, sobre o chefe da oferenda amontoaram-se.	161 163
Logo ali Bélet-ili ao chegar Levantou as grandes moscas que Ánu fizera quando a cortejava: Deuses, tenha estas moscas de lápis-lazúli meu colo E estes dias eu lembre e pelas eras não esqueça!	164 166
Os deuses venham à oferenda! Énlil não venha à oferenda Porque não ponderou e impôs o dilúvio E meu povo entregou à destruição!	168 170
Logo ali Énlil ao chegar Viu o barco e irritou-se Énlil; De cólera encheu-se contra os deuses Igígi: Então um vivo escapou! Não era para sobreviver nenhum homem à destruição!	172 174
Ninurta abriu sua boca para falar, Disse ao guerreiro Énlil: E quem senão Ea tal coisa engendraria – Ea conhece de todo os ardis!	177 179
Ea abriu sua boca para falar, Disse ao guerreiro Énlil: Tu, sábio dentre os deuses, guerreiro, Como é que não ponderaste e o dilúvio impuseste?	181 183

Ao dono da falta imputa-lhe o erro, Ao dono da ofensa imputa-lhe a ofensa – Afrouxa, para que não se rompa, puxa, para que não se afrouxe!	185 187
Em vez de impor o dilúvio, Um leão surgisse e o povo reduzisse; Em vez de impor o dilúvio, Um lobo surgisse e o povo reduzisse;	188 190
Em vez de impor o dilúvio, Uma fome se erguesse e o povo matasse; Em vez de impor o dilúvio, Erra surgisse e o povo matasse!	192 194
Eu não revelei o segredo dos grandes deuses: Ao Supersábio um sonho fiz ter e o segredo dos deuses ele ouviu. Agora o caso dele pondera.	196 198
Subiu Énlil ao coração do barco, Pegou-me as mãos e levou para fora a mim, Fez sair e ajoelhar-se minha mulher a meu lado, Tocou-nos a frente, posto entre os dois, para nos abençoar:	199 201
Antes Uta-napishti era parte da humanidade, Agora Uta-napishti e sua mulher se tornem como nós, os deuses! Resida Uta-napishti ao longe, na boca dos rios! Levaram-nos para longe, na boca dos rios puseram-nos.	203 205
A prova	
Agora, para ti, quem os deuses reunirá, Para a vida que buscas poderes encontrar? Eia! Não durmas seis dias e sete noites!	207
Como se sentasse ele dobrado ao regaço, O sono, como névoa, soprou-lhe sobre. Uta-napishti a ela falou, a sua esposa: Vê o moço que pedia a vida, O sono, como névoa, soprou-lhe sobre!	210 212
Sua esposa a ele falou, a Uta-napishti, o distante: Toca-o e acorda o homem,	215

Pela via que veio retorne a salvo, Pelo portão que saiu retorne à terra sua!	217
Uta-napishti a ela falou, a sua esposa: Enganosa, a humanidade enganar-te-á. Eia! faz-lhe a refeição diária, põe à sua cabeceira E os dias que ele dorme na parede anota.	219 221
Ela fez-lhe a refeição diária, pôs à sua cabeceira E os dias que ele dormiu na parede debulhou: A primeira ficou seca, a sua refeição, A segunda feito couro, a terceira umedecida,	223 225
A quarta branqueou, o seu bolo, A quinta mofada ficou, A sexta estava fresca, A sétima nas brasas... tocou-o e acordou o homem.	227 229
Gilgámesh a ele falou, a Uta-napishti: Nem bem o sono caiu sobre mim, Logo roçaste-me e me acordaste tu!	231 233
Uta-napishti a ele falou, a Gilgámesh: Vai, Gilgámesh, conta tuas refeições E os dias que dormiste saibas tu: A primeira ficou seca, a tua refeição, A segunda feito couro, a terceira umedecida, A quarta branqueou, o seu bolo, A quinta mofada ficou, a sexta estava fresca, A sétima nas brasas e acordaste tu.	234 236 238 240
Gilgámesh a ele falou, a Uta-napishti, o distante: Que devo fazer, Uta-napishti, aonde devo ir? Meu ---- pegou o ladrão, Em meu quarto de dormir reside a morte, E onde minha face se fixe está ela: a morte.	242 244
O banho	
Uta-napishti a ele falou, a Ur-shánabi, o barqueiro: Ur-shánabi, o cais te repila, a embarcação te rejeite! Tu, que lado a outro percórrias, dum e doutro priva-te!	247 249

O homem com que vieste, Está coberto de grenhas seu corpo, Uma pele de leão destrói a beleza de sua carne: Pega-o, Ur-shánabi, ao lugar de banho leva-o:	250 252
Suas grenhas, na água, como as de um purificado ele lave, Tire ele a pele de leão, leve-a o mar, Molhe bem seu belo corpo, Mude o pano que tem na cabeça, Uma roupa ele vista, veste condigna.	254 256
Até que chegue a sua cidade, Até que termine sua rota, A roupa mancha não tenha, mantenha-se nova!	259 261
Pegou-o, Ur-shánabi, ao lugar de banho levou-o: Suas grenhas na água como as de um purificado ele lavou, Tirou a pele de leão, levou-a o mar, Molhou bem seu belo corpo,	262 264
Mudou o pano que tinha na cabeça, Uma roupa ele vestiu, veste condigna: Até que chegue a sua cidade, Até que termine sua rota, A roupa mancha não tenha, mantenha-se nova!	266 268
A planta da juventude	
Gilgámesh e Ur-shánabi conduziram-se ao barco, A embarcação lançaram e eles mesmos a conduziam.	271
Sua mulher a ele falou, a Uta-napíshti, o distante: Gilgámesh veio, labutou, esforçou-se, Que lhe deste para voltar a sua terra?	273 275
Ele levantou sua estaca, Gilgámesh, O barco aproximou da margem.	276
Uta-napíshti a ele falou, a Gilgámesh: Gilgámesh, vieste, labutaste, esforçaste-te, O que te darei para voltares a tua terra? Descobrir-te-ei, Gilgámesh, palavras secretas E um mistério dos deuses a ti falarei:	278 280

Há uma planta, ela é como uma espinheira, Seu espinho é como da rosa silvestre, picará tuas mãos. Se na planta conseguires pôr a mão, -----	283 285
Gilgámesh isso ao ouvir, abriu um canal ---- Amarrou pedras pesadas nos pés E elas o empurraram para o Apsu ----.	287 289
Ele pegou a planta e a arrancou ---- Tirou as pedras pesadas dos pés, O mar o lançou para a margem.	291 293
Gilgámesh a ele falou, a Ur-shánabi, o barqueiro: Ur-shánabi, esta planta é a planta dos batimentos, Com que o homem, em seu coração, conquista a vitalidade.	294 296
Levá-la-ei ao coração de Úruk, o redil, Dá-la-ei a um velho, a planta experimentarei. Seu nome: já velho, remoça o homem. Eu também comê-la-ei e voltarei à minha juventude!	297 299
A volta para casa	
Às vinte léguas partiram o pão, Às trinta léguas estenderam a tenda: Viu Gilgámesh uma cisterna cuja água estava fria, Entrou-lhe no coração e na água banhou-se.	301 303
Uma cobra sentiu o cheiro da planta, Em silêncio chegou e a planta levou: Ao voltar-se, deixou sua pele.	305 307
Neste momento, Gilgámesh sentou e chorou, Sobre as têmeoras vinham-lhe as lágrimas.	308
---- falou, a Ur-shánabi, o barqueiro: Por quem dos meus, Ur-shánabi, fatigaram-se meus braços, Por quem meu, esgotou-se o sangue de meu coração? Não obtive nenhum bem para mim mesmo: Ao leão que rasteja um bem fiz.	310 312

A que jaz, a que jaz, a mãe de Nínazu, que jaz, 28
 Seu ombro roupa limpa não vela,
 Seu seio, como um jarro de pedra, fica descoberto. 30

A descida à Érsetu

Enkídu à Érsetu desceu, 31
 Os conselhos de Gilgámesh não considerou:

Roupa limpa vestiu, 33
 Como forasteiro o reconheceram;
 Óleo perfumado do frasco passou, 35
 À sua fragrância eles o cercaram;

Sua arma à Érsetu arremessou, 37
 Os espectros tremer o fizeram, 38
 Os pela arma atingidos o rodearam; 38a
 Cetro em sua mão levou, 39
 Os espectros tremer o fizeram;

Calçados nos pés calçou, 41
 Ruídos à Érsetu impôs;
 A esposa que ama beijou, 43
 Na esposa que detesta bateu,

O filho que ama beijou, 45
 No filho que detesta bateu:
 O clamor da Érsetu o arrebatou! 47

A que jaz, a que jaz, a mãe de Nínazu, que jaz, 48
 Seu ombro roupa limpa não vela,
 Seu seio, como um vaso de pedra, fica descoberto. 50

A terra sem retorno

Então Enkídu, da Érsetu para o alto, subir não pôde: 51
 Namtar não o pegou, Asákku não o pegou, Érsetu pegou-o!
 O comissário de Nérgal sem perdão não o pegou, Érsetu pegou-o! 53
 No lugar de combate dos varões não caiu, Érsetu pegou-o!

Então o rei, filho de Nínsun, por seu servo Enkídu chorava, 55
 Ao Ékur, casa de Énlil, sozinho ele foi:

Pai Énlil, hoje a bola na Érsetu caiu-me, 57
 O taco na Érsetu caiu-me,

Enkídu, que para pegá-los desceu, Érsetu pegou-o! 59
 Namtar não o pegou, Asákku não o pegou, Érsetu pegou-o!
 O comissário de Nérgal sem perdão não o pegou, Érsetu pegou-o! 61
 No lugar de combate dos varões não caiu, Érsetu pegou-o!
 O pai Énlil palavra não lhe respondeu.

A Ur, casa de Sin, sozinho ele foi: 64
 Pai Sin, hoje a bola na Érsetu caiu-me,
 O taco na Érsetu caiu-me, 66
 Enkídu, que para pegá-los desceu, Érsetu pegou-o!

Namtar não o pegou, Asákku não o pegou, Érsetu pegou-o! 68
 O comissário de Nérgal sem perdão não o pegou, Érsetu pegou-o!
 No lugar de combate dos varões não caiu, Érsetu pegou-o! 70
 O pai Sin palavra não lhe respondeu.

A Éridu, casa de Ea, sozinho ele foi: 72
 Pai Ea, hoje a bola na Érsetu caiu-me,
 O taco na Érsetu caiu-me, 74
 Enkídu, que para pegá-los desceu, Érsetu pegou-o!

Namtar não o pegou, Asákku não o pegou, Érsetu pegou-o! 76
 O comissário de Nérgal sem perdão não o pegou, Érsetu pegou-o!
 No lugar de combate dos varões não caiu, Érsetu pegou-o! 78

O auxílio de Ea

O pai Ea, para ---- 79
 Ao moço guerreiro, a Shámash, falou:
 Moço guerreiro, Shámash, filho de Níngal ----, 81
 Se acaso uma fresta na Érsetu abres,
 O espectro de Enkídu, como uma brisa, da Érsetu subir farás.

À palavra de Ea ----, 84
 O moço guerreiro, Shámash, filho de Níngal,
 Uma fresta na Érsetu abriu 86
 E o espectro de Enkídu, como uma brisa, da Érsetu subir fez.

A visão da Érsetu

Abraçaram-se e beijaram-se, Conversando e interrogando-se:	88
Dize, amigo meu, dize, amigo meu, As regras da Érsetu que viste, dize!	90
Não te direi, amigo meu, não te direi: Se as regras da Érsetu que vi te digo, Tu mesmo sentarás a chorar!	92
	94
Eu então me assente e chore!	95
Amigo meu, o pênis que acariciavas e teu coração alegravas, ---- como vestimenta velha vermes o devoram!	96
Amigo meu, a vulva que acariciavas e teu coração alegravas, Como uma fenda da Érsetu de terra está cheia!	98
O senhor disse ai! e à terra jogou-se, Gilgámesh disse ai! e à terra jogou-se:	100
Quem um filho tem viste? Vi, Uma estaca na sua parede está fixada e, amargo sobre ela, ele chora!	102
Quem dois filhos tem viste? Vi, Em dois tijolos senta-se e sua comida come!	104
Quem três filhos tem viste? Vi, Num odre suspenso água bebe!	106
Quem quatro filhos tem viste? Vi, Como o que uma junta de burros tem seu coração se alegra!	108
Quem cinco filhos tem viste? Vi, Como um bom escriba sua mão é hábil, Com facilidade no palácio entra!	110 112
Quem seis filhos tem viste? Vi, Como um lavrador seu coração se alegra!	113

Quem sete filhos tem viste? Vi, Como irmão mais novo de deuses em trono se assenta e ---- ouve!	115
---- viste? Vi, Como um bom estandarte está escorado no canto!	117
	132
Quem ---- viste? Vi, ----	134
	144
Quem uma viga golpeou viste? Vi, Ai de seu pai e sua mãe! quando arrancam estacas vai de um lado a outro!	146
Quem a morte de seu deus morreu viste? Vi, No leito do deus deita e água limpa bebe!	148
Quem no combate faleceu viste? Vi, O pai e a mãe a cabeça sustentam-lhe e a esposa à sua face chora!	150
Quem tem seu cadáver na estepe jazendo viste? Vi, Seu espectro na Érsetu não descansa!	152
Quem de seu espectro não tem quem cuide viste? Vi, Restos da panela, migalhas de pão que na rua jogam come!	

Comentários do tradutor

[Autor]

A atribuição do texto a Sin-léqi-unninni encontra-se em catálogo de autores e obras redigido no primeiro terço do primeiro milênio a.C. e achado em Nínive, no qual se lê: “Série de Gilgámesh (*iškar Gilgāmeš*): da boca (ša pī) de Sin-léqi-unninni, [exorcista (*mašmaššū*)]” (cf. LAMBERT, *A Catalogue of Texts and Authors*, p. 66: *és.gār dgiš.gln.maš: šá pi.i md sin(30).li.qi.un.nin.ni m[aš.maš...]*). A qualificação como “exorcista” é de leitura duvidosa, como admite o próprio Lambert, já que depende de conjectura. Caso se admita essa hipótese, cumpre observar que *mašmaššū* designa um polímata, sendo comum que catálogos desse tipo atribuam os textos, se não a deuses, a exorcistas, cantores de lamentos ou adivinhos (cf. BEAULIEU, *The Social and Intellectual Setting of Babylonian Wisdom Literature*, p. 10-15). Beaulieu (*The Descendants of Sîn-lēqi-unninni*, p. 3) considera mais razoável que se reconstitua a única incisão que resta da última palavra como ^uU[Š.KU], correspondente a ^uG[ALA], em acádio *kalû*, uma categoria de sacerdotes da deusa suméria Inanna (correspondente a Ishtar), encarregados de cantar lamentos (cf. HALLO, *The World's Oldest Literature*, p. 309; LINSSEN, *The cults of Uruk and Babylon*, p. 16-17). Considere-se enfim que catálogos de textos e autores não constituem listas de bibliotecas, mas, como ressalta Toorn (*Why wisdom became a secret*, p. 21), “um cânone de obras apropriadas para instrução e memorização”, ou seja, “os intelectuais responsáveis por esse tipo de obra estavam interessados em ordenar os clássicos pertencentes ao currículo de formação dos escribas”.

A expressão “*ša pī* (da boca de)” é um modo de indicar aquele a quem se deve a versão em causa, equivalendo a “segundo...” (Beaulieu propõe que se traduza a expressão como “série de Gilgámesh: (escrita) de acordo com o ensinamento de Sin-léqi-unninni”). Mesmo que a noção de autor não corresponda exatamente à nossa, admite-se em geral que Sin-léqi-unninni tenha composto a versão clássica do poema (na terminologia dos estudiosos de língua inglesa, a versão *standard*) na segunda metade do segundo milênio antes de nossa era, remanejando relatos anteriores (GBGE, p. 28, nota 74). Charpin (*Reading and Writing in Babylon*, p. 180) é cautelosa: “Sin-léqi-unninni foi um intelectual que viveu em Úruk [...] e teve um importante papel no estabelecimento da versão recente do texto. Em nossa terminologia, trabalhou

mais como ‘editor’ que como ‘autor’”. Por seu lado, Maier (*Gilgamesh: tradition and value*, p. 87-88) é enfático: “Nessa longa, em sua maior parte anônima tradição [sobre Gilgámesh], faz sentido dizer que encontramos um autor? Minha resposta é sim”.

Considerar que Sin-léqi-unninni tenha vivido no período proposto – isto é, na época cassita – depende de dois argumentos: a) seu nome com uma formação tripla, que é típico da onomástica médio-babilônica – trata-se de uma homenagem ao deus Lua (*Sîn*), com o seguinte significado: “*Sîn* é o recebedor (*lēqi*) da minha súplica (*unninni*)”; b) o fato de a versão paleobabilônica do poema de Gilgámesh – intitulada *Proeminente entre os reis* (*šūtur eli šarrī*) – não ser encontrada após esse período, ao passo que a versão clássica (*ša naqba imuru*), atribuída a Sin-léqi-unninni, passa a ser fartamente documentada nas bibliotecas do primeiro milênio (cf. BEAULIEU, *The Descendants of Sîn-lēqi-unninni*, p. 3). Como se vê, são argumentos que não permitem uma afirmação categórica concernente à existência real do poeta, cuja relação com *Ele que o abismo viu*, contudo, se sustenta de modo semelhante à de Homero com a *Ilíada* e a *Odisseia*. Ele é quem, na perspectiva antiga, deu a forma final ao poema.

Ao contrário da maioria dos comentadores, Tigay considera que Sin-léqi-unninni deveria ser tido como o autor da versão paleobabilônica (*Proeminente entre os reis*), em que se processa a “importante reviravolta” na tradição textual, ou seja, o tratamento grandioso da saga de Gilgámesh, centrado na questão da mortalidade do homem (cf. TIGAY, *The Evolution of the Gilgamesh Epic*, p. 12). De fato, pelo pouco que conhecemos dessa versão, é nela que pela primeira vez a saga ganha uma trama concatenada. O mesmo Tigay reconhece, contudo, que a versão clássica dá um outro passo importante: deslocar a grandeza de Gilgámesh dos feitos para a aquisição de conhecimento, incluindo a questão da morte como lote inelutável do homem (para um resumo das características da versão clássica, cf. TIGAY, *The Evolution of the Gilgamesh Epic*, p. 109).

Note-se enfim que Sin-léqi-unninni é reivindicado, nos períodos neobabilônico, aquemênida e selêucida, como ancestral por várias famílias de Úruk, em que se destacam pessoas que atuam como escribas e *kalû*, constituindo uma espécie de dinastia de intelectuais (cf. LAMBERT, *Cuneiform Texts of the Metropolitan Museum of Arts*, p. XVII; LAMBERT, *Ancestors, Authors and Canonicity*, p. 13; BEAULIEU, *The Descendants of Sîn-lēqi-unninni*, p. 16). Como resume Charpin (*Reading and Writing in Babylon*, p. 51), “é difícil saber se essa era uma genealogia real ou um meio de os escribas se porem sob o patrocínio de um famoso intelectual do passado”, sendo provável

que se tratasse de um epônimo de toda uma categoria de intelectuais, num processo semelhante ao que se dá, na Grécia, com os Homeridas e Homero.

A diferença com relação a esse paralelo, contudo, é que, no presente caso, lidamos com uma sólida tradição escrita, a forma do poema sendo fixada e reconhecida por meio dela: assim, o poema de Sin-lēqi-unninni é constituído pela “série” em doze tabuinhas que aqui se traduzem. Com todos os cuidados para não incorrer em anacronismos, não seria errôneo dizer que Sin-lēqi-unninni foi, em suma, um “escritor” (essa é a opinião também de George, *The Epic of Gilgamesh: Thoughts on Genre and Meaning*), em todos os sentidos do termo.

Convém esclarecer, mais uma vez, o critério que utilizo na grafia dos nomes próprios acádios: no texto da tradução, como acontece na introdução, acentuei a sílaba que, de acordo com o que se sabe relativamente à língua da época em que o poema foi escrito, deveria ser a tônica – assim, Gilgāmesh, Enkīdu –, mas fiz isso considerando as convenções ortográficas do português, o que faz com que Ninurta, por exemplo, sendo um paroxítono terminado em -a, não necessite de acento algum. No índice onomástico os nomes se encontram grafados conforme as normas da assiriologia: *Gilgāmeš*, *Enkīdu*, etc.

[Título]

É usual na tradição médio-oriental que as obras sejam conhecidas a partir de suas primeiras palavras, como, neste caso: *ša naqba imuru* (“ele que o abismo viu”).

[Série]

Série de Gilgāmesh (*iškar Gilgāmeš*) é como era também conhecida, nos catálogos de obras e autores, a sucessão de onze ou doze tabuinhas do poema. O termo *iškaru(m)* apresenta esse uso especializado, como em *iškar Etāna* (série de Etana), *iškar mašmašūti* (série de encantamentos), etc.

[Versos 1-62] A parte inicial do poema constitui uma espécie de hino dedicado a enaltecer Gilgāmesh. Parece que a abertura da versão babilônica antiga, *Proeminente entre os reis (šūtur eli šarri)*, se encontra incorporada nele, uma vez que essa expressão ocorre no v. 29. Assim, pode-se considerar que o próemio se divide em duas grandes seções: a primeira, que corresponderia a uma expansão da versão antiga, louva os trabalhos (no sentido de feitos e de sofrimentos) do herói (v. 1-28); a segunda concentra-se em sua origem divina, seu talhe portentoso e sua beleza (v. 29-62).

Tigay (*The Evolution of the Gilgamesh Epic*, p. 142), julgando que a primeira parte (v. 1-28) constitui uma inovação da versão clássica do poema, divide-a em outras duas: a primeira, que compreende os v. 1-10, diz respeito ao que Gilgāmesh viu e aprendeu na grande jornada motivada pela morte de Enkīdu, feitos que inscreveu numa “estela” (v. 10); a segunda trata de realizações anteriores ao narrado no poema, a saber, a construção das muralhas de Úruk e do Eanna. Assim, as duas partes, embora dedicadas ao registro dos feitos do herói, separam-se por tratar de temporalidades diferentes. Observe-se, contudo, que os dois movimentos convergem nos v. 24-28, que retomam o tema da inscrição onde se encontra “o que Gilgāmesh passou, todos os seus trabalhos”.

Esse recurso a uma estela em que se encontraria inscrita a saga de Gilgāmesh tem relação com a tendência geral dos escribas, no fim do segundo milênio, em atribuir aos textos em cuneiforme um caráter esotérico, enquanto transmissores de antiga sabedoria. Conforme Charpin (*Reading and Writing in Babylon*, p. 53), “o editor da versão tardia [do poema] adicionou ao início do prólogo vinte e oito versos que insistem na sabedoria do herói; e a complementou com uma narrativa do dilúvio, a prédica de Uta-napištim (o Noé babilônico), e um epílogo”.

Para Sasson (*Prologues and Poets*, p. 268-271), com base na versão da abertura do poema encontrada em Ugarit, na costa do Mediterrâneo (publicada em ACU, p. 130-134, pranchas 19-20), essa parte inicial, com variações, não deveria ser atribuída a Sin-lēqi-unnini, mas seria produto do período médio-babilônico, datável no século XIII a.C. Ainda que essa fase da história do texto seja bastante mal conhecida, defende ele que é possível perceber no que ela se distingue tanto da versão antiga (*šūtur eli šarri*) quanto da clássica (*ša naqba imuru*), a partir do testemunho do manuscrito de Ugarit. Arnaud (ACU, p. 36), ao contrário, acredita que se trata “da própria obra do autor uruquiano”.